

O aumento do preço da carne

A carne, que é um dos principais alimentos do povo, tem escasseado nos últimos dias. Veiu mais esta calamidade juntar-se à calamidade da carestia da vida que, a despeito das medidas anunciadas pelo governo, continua a fazer-se sentir de uma maneira insuportável. Os negociantes e os assambradores são insensíveis aos protestos do público. Parece que se comprazem em tornar a presente situação cada vez mais angustiosa. Agora a questão das carnes veio agravá-la.

Segundo umas informações fornecidas à imprensa pelo sr. dr. Piedade Guerreiro, director do Matadouro Municipal, a falta de carne é resultante de uma manobra dos marchantes. Pretendiam estes, contra os interesses da população já tão explorada pelo comércio, aumentar o preço da carne. A esta manobra opôs-se a Câmara. Mas os marchantes reagiram. Reagiram por que forma? Pelo assambramento. Negaram-se a enviar as suas rezes ao Matadouro. E o assambramento foi bem patente, quer aos olhos do povo, quer aos dos poderes públicos.

Se não lhes permitissem roubar ao povo mais alguns cobres, negar-lhe-iam a alimentação. Este processo é vil e merece a execração de todos os que, não commerciando, não negociando com a miséria popular, têm mais em conta o bem da colectividade.

A imoral resistência dos marchantes assambradores foi tão forte que a Câmara transigiu num aumento do custo da carne. Assim, abriu-se caminho às desenfreadas ambições dos que, enriquecendo à nossa custa, têm mais em conta os seus interesses particulares do que os do povo consumidor. A transigência da Câmara pode ter muitas razões a apoiá-la, excepto as daqueles que, vivendo do seu magro salário, vêem a sua existência e a dos seus filhos sobrecarregados esmagadoramente.

A Câmara estava colocada entre dois interesses antagónicos—os dos marchantes manifestamente assambradores e os do povo a braços com uma crise de trabalho e uma carestia de géneros assustadoras. Entre estes dois interesses, para qual deles deveria a Câmara pender? Para os do público.

Pois, o aumento foi concedido—e os interesses do público foram lesados. Parece-nos que este procedimento, na ocasião em que o governo anuncia ir tomar rigorosas medidas contra os assambradores, é de uma incoerência espantosa. Então a Câmara está empenhada em destruir as medidas do governo respeitantes ao assambramento? O caso é grave.

Os interesses do povo, perante os interesses ilícitos e criminosos dos marchantes que dúvida alguma tiveram em privar de carne a população, deveriam merecer-lhe outra atenção e melhores cuidados.

As firmas moageiras, autênticas quadrilhas de falsificadores

Os moageiros não só falsificavam o pão, como falsificavam as escritas. Roubam os consumidores além de os envenenarem, roubam o Estado além de tentarem corromper, roubam os empregados pagando-lhes salários irrisórios e, por fim, acabam por roubar os accionistas, isto quando não se roubam uns aos outros, como já tem acontecido.

Publicámos, há dias, uma nota de várias firmas moageiras a quem foram impostas multas, por falsificação de escritas. Hoje temos a acrescentar na lista última publicada mais uma firma moageira.

O sr. Manuel de Jesus Campos, delegado do Ministério de Agricultura na fiscalização à escrita das fábricas de moagem, apreendeu os livros da Fábrica do Caramujo, em Almada, pertencente à Companhia Industrial Aliança, por não estarem devidamente documentados e pelo facto de no fecho de contas, relativo ao período decorrido de 2 de Fevereiro a 1 de Julho do corrente ano, se ter verificado que no Diário de laboração figuravam 50.819 quilogramas de trigo laborados, a mais do que o registo de provimento do depósito de trigos accusava salvo.

A multa aplicada foi de 80.283\$00.

A questão das carnes

A Comissão A. do Município já ontem recebeu o officio do Ministério da Agricultura em que se comunica a autorização do respectivo ministro para a Câmara importar todo o gado que entender necessário para o abastecimento de carne à cidade.

A Associação de Classe dos Trabalhadores de Carnes Verdes entregou ontem nos Paços do Concelho uma representação pedindo a revogação da deliberação camarária que limita o número de talhos.

O SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO NEUTRALIDADE OU UNIDADE?

Dizem:

A unidade é indispensável à coesão do operariado na luta pela emancipação da classe trabalhadora.

Digo eu: Certamente que é indispensável. Desde que todos os trabalhadores tenham os mesmos pontos de vista e sintam a mesma causa, uma tal circunstância representa uma força colossal que, ao passar do estado latente ao dinâmico, levaria de vencida todas as resistências à emancipação do proletariado.

Porém, se na Organização Sindical se manifestam duas correntes opostas, essa unidade não pode estabelecer-se, creio eu...

Ora, na Organização Sindicalista Portuguesa, essas duas correntes são um facto: a «corrente autoritária» que arregimenta os trabalhadores monárquicos, republicanos, socialistas de estado, comunistas moscovistas, nas suas diversas nuances; e a «corrente libertária» que liga os sindicalistas libertários, anarquistas-comunistas; isto é: uma legião apolítica da «autoridade»; outra, propulsora da «liberdade»—dois termos irreconciliáveis.

Que todos estes trabalhadores estejam no Sindicato, está certo; é aqui o seu lugar. O Sindicato não lhes pergunta qual seja a sua ideologia. É um princípio básico. O Sindicato só quer saber se os seus componentes são assalariados.

Mas, quanto à acção dos corpos directivos dos Sindicatos é indiferente que ela seja pela «Autoridade» ou pela «Liberdade»? É indiferente que os membros desses corpos directivos imprimam à orientação dos Sindicatos um ou outro destes princípios? Que procurem pesar nas decisões das assembleias com a influência de um ou de outro dos mesmos princípios?

Dois casos podem dar-se, parece-me: ou os dirigentes abdicam das suas respectivas ideologias, ou não.

No primeiro caso, está realizada a unidade sindical, que só agirá no campo económico. Ideologicamente, o Sindicato é amorfo; o seu fim—bem mesquinho—consiste em mais regalias, melhor salário, menos horas de trabalho. Duvido bastante que, dada a abdicção a que aliud, um tão curto ideal, como este, tivesse realização prática... no sentido do aperfeiçoamento do ser humano.

No segundo caso, a direcção ou era autoritária (monárquica, republicana, socialista, moscovista ou de qualquer confissão religiosa), ou era anarquista, libertária.

Se autoritária, toda a propaganda seria feita no intuito de não tocar no princípio «Autoridade», encaminhando a massa dos

trabalhadores a, mais ou menos, conformar-se com a sujeição ao sistema autoritário do patronato. Isto é: a organização deixaria de ser... sindicalista revolucionária.

Mas (como isto é contraditório!) se os trabalhadores entram no Sindicato para a conquista da sua emancipação, fatalmente terão de ser libertários, e, assim, o trabalhador monárquico ou socialista de Estado, ao sindicalizar-se, já é, em mente, anarquista, porque pretende lutar contra a autoridade patronal ou do Estado! Isto é: contra o princípio «Autoridade», sem o qual a sua ideologia nada é!

Há, portanto, no seio da Organização, exactamente pelos objectivos a que visa, um espírito de rebeldia que a anima e a encaminha inelutavelmente para o libertarismo.

Logo, os anarquistas estão na lógica quando entendem e proclamam que a directriz da Organização Social Sindicalista deve ser—e é—libertária.

De resto, isto é uma fatalidade sociológica. E, senão, pondera-se: Sindicalismo neutro, amorfo (já o vimos) é sindicalismo acanhado, restrito e dum materialidade estagnante, anti-natural mesmo.

Sindicalismo autoritário, como o querem os socialistas ou os comunistas de Moscúvia (já o vimos também) é o contrário das aspirações dos trabalhadores e não pode ser defendido senão pelos que pretendem alcançá-lo—se no poder, cavaleando as massas proletárias.

E, como os trabalhadores, ao ingressarem nos seus sindicatos, não têm, em geral, mais aspirações do que as de regalias pessoais de aspecto material-económico; como, para as conseguirem, se decidem à luta contra o patrão ou contra o Estado, sem se aperceberem de que, por tal facto, estão exercendo uma acção libertária, em contrário, muitas vezes, das suas crenças político-religiosas, por mais ferrenhas que sejam, hemos de concluir que a tendência da acção sindicalista operária é para a liberdade, é para a anarquia.

No sindicalismo patronal é que a neutralidade de ideologias político-sociais ou religiosas será, talvez factível (?), porque todos os patrões, inclusive o Estado-patrão, se entendem à maravilha no que respeita à exploração do trabalho alheio e à imposição da sua autoridade, visto todos eles precisarem, como ideólogos e como patrões, da «Autoridade» para explorarem e da «Exploração» para viverem para os seus negócios e para os seus credos políticos ou de seita.

José Carlos de SOUSA

Notas & Comentários

Descaramento

A Comissão Oficial dos Socorros ao Falecido enviou-nos um officio afirmando que o nosso jornal tem de um representante. Não é verdade. Agradecemos quando nos convidaram a atenção que tiveram—mas firmes recusamos em termos corteses, mas firmes, fazermos-nos representar. Se nessa comissão há alguém que se intitule representante do nosso jornal devemos informar que essa criatura representa, apenas, o seu descaramento, na verdade bastante extraordinário.

Uma opinião insuspeita

O A B C, jornal reaccionário e católico de Espanha, publicou ultimamente um artigo sobre fascismo que foi vivamente comentado.

Nesse artigo afirma-se que o fascismo nega e mutila sistematicamente direitos humanos, devendo por isso ser considerado incivil e contrário às leis da natureza.

O fascismo é, como se depreende, combatido até por reaccionários. Com vista a alguns exaltados deste país...

Um lamentável percalço

Um imprevisto percalço inutilizou-nos o original da critica que Nogueira de Brito nos enviou sobre o notável concerto musical realizado no domingo no Teatro do Gimnasio.

Daquele nosso prezado colaborador e dos nossos leitores esperamos que nos releve a falta—muito lamentável mas involuntária.

Uma armadilha

Anastácio Pinto de Oliveira comprou ontem a sua passagem em Alhandra a fim de tomar o comboio que passa na Póvoa, pelas 10 horas, pouco mais ou menos. Perdeu o referido comboio e embarcou no seguinte, cerca das 21 horas—Nô Rossio, porém, o chefe Guimarães obrigou-o a pagar novo bilhete, alegando que o que o passageiro apresentava não tinha valor para o comboio seguinte. Trata-se de uma roubaria revoltante. Bem basta o custo elevadíssimo das passagens quando mais exigir que o passageiro as pague por duas vezes, quando uma só vez transitou.

A conferência imperial britânica

LONDRES, 17.—Considera-se presenteemente provável que a conferência imperial encerre os seus trabalhos na tarde de terça-feira próxima, em virtude dos progressos feitos pelas comissões, a maioria das quais concluiu os seus relatórios no fim da semana. Vários relatórios serão apreciados na sessão plenária de amanhã. (L.)

França e Rússia

PARIS, 17.—A próxima viagem do sr. Tchitcherine a esta cidade coincidirá com o encetamento das negociações para o tratado com a República dos Soviéticos. (L.)

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 33 desta revista intitulada *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodríguez Aragón. — Preço, 5\$00. — Pedidos à administração de A Batalha.

UM HOSPEDE ILUSTRE...

O coronel Gray vem brevemente a Lisboa organizar o fascismo

Do *Século* reproduzimos na íntegra este interessantíssimo telegrama:

«MADRID, 16.—Na sede da União Patriótica realizou a sua anunciada conferência o coronel fascista Gray. Principiou por afirmar que Mussolini brevemente enviaria a Espanha várias comissões fascistas, para estudarem o esforço empregado na reorganização política e económica deste país.

Continuando, negou que o fascismo seja uma aventura dum só homem, pois tem vinte milhões de adeptos e vai generalizando-se a outros países. Justificou, depois, as violências cometidas pelo fascismo, atribuindo-as à intransigência dos inimigos. Inumeras, em seguida, as obras realizadas pelo novo regime e negou que a Itália pensasse meter-se em aventuras guerreiras. Terminou, dizendo que o seu país salvará a Europa da invasão bolchevista. Em troca, o fascismo solicita de todas as nações, e muito especialmente da Espanha, que o respeitem e estimem.

O coronel Gray vai a Lisboa a fim de fundar e organizar o «fascio» italiano e, no dia 18, voltará a Madrid, onde lhe será oferecido um banquete pelo «*Século*» de aproximação hispano-italiana. (Comité.)

O coronel Gray supõe, provavelmente, que aqui em Portugal se pede fascismo em altos gritos.

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa emercalimada ilustrada a cores, por Alons, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice) 20\$00.

Capas e índice em separado, 13\$33. Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Carlos Lima, 3\$00.
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6\$00.

No *Sertão d'Africa* (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6\$00.
A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa

Biblioteca de Instrução Profissional

Manuais de officios

Galvanoplastia.....	18\$00
Motors de explosão.....	20\$00
Navegante.....	16\$00
Cimento armado.....	25\$00

A situação de «A Batalha» continua sendo angustiosa

Nunca é demais que o operariado saiba que não há neste país lugar para um jornal diário que viva honestamente dos seus recursos, desde que se consagre a combater todas as violências e todas as explorações, arremetendo com desassombro contra os tiranos e os exploradores.

A própria *Batalha* não vive dos seus recursos. Se o auxilio do proletariado lhe faltasse teria que desaparecer. A pesar desse auxilio a situação deste jornal continua sendo angustiosa. O perigo do seu desaparecimento parece arredado, se continuarmos, como nós o esperamos, o operariado a interessar-se por ela, socorrendo-a monetariamente, ajudando-a a desvenenar-se dos obstáculos que lhe obstem a sua ameaçada existência.

Óxala que todos se compnetrem desta grande verdade e por ela norteiem a sua atitude!

Vai realizar-se uma grande festa em Cascais

Brevemente, efectua-se, no suntuoso teatro Gil Vicente da interessante vila de Cascais, uma festa de homenagem à *Batalha*, promovida por uma comissão de amigos deste jornal.

O programa, que é cheio de atractivos, deverá tornar a festa um admirável serão de arte que ficará, por muito tempo, na recordação de todos quantos a ele assistirem.

A Escola Araújo Pereira ofereceu já o seu concurso comprometendo-se a desempenhar, com a sua habitual probedade e com o seu costumado brilho, algumas das melhores peças do seu bem escolhido repertório.

Haverá uma excelente orquestra que será composta pelos melhores músicos do concelho de Cascais.

A comissão promotora lembra aos sindicatos da linha de Cascais a conveniência de fazerem rapidamente a requisição de bilhetes, a fim de se saber o número dos que devem ser postos à venda.

A arte e os artistas

Inaugurou-se ontem para o público a 2.ª exposição do Salão de Outono, no edificio da Sociedade Nacional das Belas Artes, à rua Barata Salgueiro. Entre os que tomam parte neste certame de arte, contam-se os pintores e escultores Eduardo Viana, Almeida Negreiros, Lino António, Fernando David, Martinho da Fonseca, Jorge Barradas e Ernesto do Canto.

NAS COSTAS DA CHINA

Um navio rijamente atacado

HONG-KONG, 17.—O navio britânico «Sunning», de 2550 toneladas, foi alvo dum ataque de piratas quando navegava de Xangai para Hong-Kong. Os piratas chineses haviam embarcado como passageiros e tentaram apoderar-se do navio quando este se encontrava no alto mar. Os oficiais de bordo opuseram-se à tentativa dos piratas, travando-se luta durante a qual um dos oficiais foi ferido. Depois de trocados numerosos tiros os piratas abandonaram o navio nos escaletes de bordo levando vários passageiros como reféns entre os quais se contam duas mulheres. O ataque foi feito ontem de manhã depois de se utilizarem as máquinas e os aparelhos de T. S. F. O navio começou a vogar para a deriva até que um navio japonês o encontrou, pedindo socorro pelo T. S. F. O «destroyer» britânico «Trubell» dirigiu-se imediatamente para o local, chegando ainda a tempo de abordar o «Sunning», e, apesar das más condições do mar, e prender os piratas que ainda se encontravam a bordo.

Outros bem como uma esquadilha de aeroplanos, que imediatamente iniciaram as perseguições para encontrar os escaletes dos piratas. O navio norueguês «Ravensjell» encontrou uma das baleceiras que conduzia aprisionados três dos oficiais do «Sunning» e uma mulher europeia. (L.)

«Comité» Pró-prêso por Questões Sociais

A 1 Conferência Regional realiza-se no dia 2 de Janeiro em Lisboa

O Comité tem continuado os seus trabalhos referentes à realização das conferências regionais, tendo resolvido realizar a 1.ª no dia 2 de Janeiro do próximo ano, em Lisboa.

Pede a todos os organismos que receberam a circular-questionário, uma resposta rápida, a fim de não prejudicar a realização da citada conferência.

Já deram a sua adesão à Conferência vários Sindicatos, sendo de prever que à mesma compareça um número relativamente elevado, o que demonstra o grande interesse que existe pela situação dos prêsos sociais.

Todas as respostas deverão ser enviadas para a sede do Comité, até ao dia 20 de Dezembro, a fim de o mesmo poder indicar aos mesmos, o local das reuniões com a devida antecedência.

AS CASAS DE PENHORES

Pensemos nas principais vítimas: o público e os empregados

Dissemos que não sabíamos qual era a opinião do ministro das Finanças sobre o destino a dar aos empregados das casas de penhores caso elas, em consequência do seu decreto, sejam forçadas a encerrar-se. Não sabíamos e continuamos a não saber.

O aludido decreto não prevê o caso do encerramento das referidas casas, partindo provavelmente do princípio, aliás razoável, de que o juro de 18 por cento ao ano lhes daria margem para continuarem o seu negócio e ganharem com que manter-se. Consta que os penhoristas, alegando não poderem manter-se com o juro reduzido que lhes é fixado por lei, vão fechar as suas portas. Caso esta ameaça se confirme por factos, algumas centenas de pessoas vão ver-se a braços com a miséria. E o governo deve ter em linha de conta este facto, cuidando da situação destes homens que, neste momento angustioso de falta de trabalho, vão ver-se seriamente embaraçados para viver.

Não devem os poderes públicos esboçar a mínima transigência com os penhoristas. Na sua grande maioria já o produto da sua ignóbil exploração lhes rendeu o bastante para, no caso do seu negócio cessar, não ficarem à beira da miséria. As suas lágrimas não nos comovem, os seus lamentos deixam-nos indiferentes. Os seus empregados, porém, esses nada ganharam com a roubaria dos patrões; limitaram-se, trabalhando por vezes faticamente, a receber os pobres ordenados que mal lhes chegavam para sustentar-se e às famílias.

Eles, ao contrário dos patrões, não fizeram reservas, não acumularam riqueza. São por isso tão dignos de atenção e de carinho como os pobres clientes que, por dever de offi-

cio, atendiam aos fatídicos balcões. E' possível que os prestamistas queiram escudar-se na terrível situação em que seus empregados poderão ficar para obter vantagens que os beneficiem. Mas os poderes públicos têm maneira de atender aos interesses respeitáveis dos empregados sem servir os mesquinhos interesses dos patrões.

Citámos há dias o exemplo da Bélgica que, nacionalizando as casas de penhores, evitou assim o *chômage* dos empregados e a exploração de que o público era vítima. Longe de nós a intenção de suggestionar os governantes ou de lhes indicar o caminho que deverão seguir. Não é essa a nossa missão. Citando o exemplo da Bélgica não quisemos senão frizar bem que podem encontrar-se meios (o da nacionalização ou outro qualquer) de evitar a miséria dos empregados de casas de penhores que, nesta época difícil, não encontrarão rapidamente onde empregar os seus braços.

Se é merecedora de carinho a situação do público, que tem sido explorado pelos prestamistas, não menos atendível é também a situação dessas outras vítimas que são os empregados. Sejam, portanto, todas as atenções para o público e para os que trabalham honestamente.

O que nos admira é que, sendo a restante imprensa tão amiga dos pobres, mostre agora tão esquecida da pobreza a pontos de ter muito dó dos prestamistas e não dedicar uma única palavra de justiça à causa ora em jogo dos empregados. E' um esquecimento imperdoável—esquecimento que atinge até aquele *órgão do povo*, o democrático *Rebate*, que nesta questão assumiu franca e decididamente a defesa dos pobres penhoristas...

A SITUAÇÃO

O general Carmona passa a ser, no governo, ministro sem pasta

Em reunião de conselho de ministros foi resolvido que o general Carmona ficasse a exercer funções de chefe de Estado até ser eleito presidente da república.

O general Carmona passa a residir oficialmente em Belem, devido a no palácio serem instalados os serviços da presidência do ministério.

Deixa de ser ministro da guerra e passa a ser ministro sem pasta.

Segundo o mesmo senhor declarou, a eleição do presidente da república será feita por eleição, mas isto ainda não está assente em definitivo.

A regulamentação das visitas aos prêsos

A folha oficial publicou ontem um diploma modificando os artigos 125.º e 126.º do regulamento das cadeias civis. Pela doutrina e pela letra do novo diploma, além das entidades a quem por lei é permitida a visita às cadeias, poderão os prêsos, se o merecerem pelo seu comportamento, ser visitados por suas mulheres, irmãos, ou outros parentes, e, ainda, excepcionalmente, por outras pessoas cujas visitas os directores não julgarem inconvenientes à boa disciplina e à regeneração dos internados. Os prêsos definitivamente condenados só poderão ser visitados uma vez em cada semestre, e os que estiverem em prisão preventiva, e os que estiverem em prisão definitiva, uma vez em cada dia. As visitas serão sempre feitas em parlamentos apropriados, com a assistência de um ou mais guardas vigilantes, e de entre visitantes e visitados. Os ministros de qualquer religião e os directores das associações de patronato aos prêsos poderão igualmente visitá-los, com simples permissão dos directores sempre que o julgarem conveniente. A duração e horas das visitas serão fixadas em regulamentos internos pelos directores das cadeias, ouvida a inspecção Geral das Prisiones. Quando haja motivo legítimo e a disciplina e o regime da cadeia o aconselharem, os directores poderão proibir, durante o tempo que lhes parecer conveniente, as visitas aos prêsos, participando imediatamente o facto ao administrador e inspector geral das prisiones, que, no caso de não se conformar com a proibição, submettê-la à decisão do ministro da Justiça. São apenas exceptuadas as autoridades a quem por lei é permitida a visita às cadeias e aqueles que estão encarregados da defesa dos réus.

O terror na Bulgária

SOFIA, 17.—Foi descoberta uma nova conspiração comunista na qual se sabe já estarem implicados 150 indivíduos na capital e 809 na provincia. (L.)

Os rebeldes javaneses

BATAVIA, 17.—As tropas holandesas repeliram em Laboean um novo ataque dos 500 rebeldes que continuam cercando a cidade. (L.)

Lêde o Suplemento de A BATALHA

Os dez mandamentos do transeunte

O trânsito de veículos, de automóveis principalmente, tornou perigoso o trânsito de pedes. Mal habituado a tanto movimento, o lisboeta ainda não se lhe adaptou. Incorre constantemente em erros que os habitantes das outras grandes cidades da Europa já quasi evitam por instinto.

A fim de contribuir de certo modo para evitar desastres, a Associação dos «Chaufeurs» fez ontem distribuir profusamente um manifesto intitulado *Os dez mandamentos do transeunte* e que, por ser curioso e útil, a seguir transcrevemos:

1.º Transita! pelos passeios, que eles são destinados exclusivamente para esse fim.

2.º Ao pôrdes o pé na rua, que é destinada aos veículos, olhai, antes, para a direita e para a esquerda, a fim de os evitar.

3.º Se fôrdes surpreendidos em plena via pública e a pequena distância dum automóvel, parai imediatamente, para que o «chauffeur» se desvie.

4.º Não descais do eléctrico com ele em andamento, sem primeiramente verificardes se o podeis fazer.

5.º Não atravesséis jámais, dum lado ao outro da rua, tomando a frente ou a retaguarda dum carro parado.

6.º Não permitais que os vossos filhos menores de doze annos e vossos parentes enfermos andem desacompanhados na rua.

7.º Anciãos, ao pretendêdes atravessar a rua, fêmbrai-vos que não tendes já a agiliidade dos 20 annos.

8.º Surdos, que tendes a infelicidade de não ouvir as buzinas, acutelaiv-os com a vista o mais que poderdes.

9.º Nas ruas de grande movimento procura sempre atravessar junto aos guardas sinaleiros, que elles vos facilitarão o trânsito.

10.º Ao utilisardes um automóvel, não pretendais que o «chauffeur», seja qual fôr o motivo, ultrapasse a velocidade permitida, para o não obrigardes a incorrer em faltas.

As furnas de Monsanto

Vão ser iniciados os trabalhos de emparedamento de todas as furnas da Serra de Monsanto, collocando-se nas mais importantes uma porta de ferro com fechadura a fim de poderem ser visitadas.

MUSICA

O segundo concerto Fão no Gimnasio

A grande atracção de domingo, no Gimnasio, vai ser o concerto da Orquestra Portuguesa, que ao teatro do Gimnasio continua atraindo as famílias de Lisboa, na certeza anticipada e absoluta de que se passarão, ali, tardes verdadeiramente deliciosas, ouvindo composições dos mais laureados maestros, interpretadas por uma forma impavável, digna dos mais rasgados elogios.

Entre as composições admiráveis que serão executadas, domingo, às 15 horas, no Concerto Fão, o programa include o «Poema Sinfónico» Juvenius, de V. de Sabata (1.ª audição em Portugal) «Scenas Asiaticas», de Massenet, da sempre fetichejadissima «Alvorada do Gracioso», de Ravel, e a «Sinfonia (heróica)», de Beethoven, ooras primorosas da composição musical.

TEATRO SALÃO FOZ
Matinée às 15 h. - Soirée às 20,45 h.

O grande êxito da actualidade
SARA GABY e PETIT BEBY
Extraordinário trio de canto e baile
PETIT BEBY é um verdadeiro fenómeno artístico.

CARMEN CHINCHILLA
Formosíssima e elegante bailarina.

PEPITA CAMELIA
Graciosa coquetista-bailarina.

YETTE DAURIGNY
Distinta e encantadora francesa.

Concerto pela FOZ MELODY BAND
NO ECRA: — Lutando com as chamas — (6 partes)

Explicando uma atitude

Pede-nos o militante juvenil José dos Santos a publicação da declaração seguinte:

«Para conhecimento dos Núcleos de Juventude Sindicalista, declaro que deixei de fazer parte do Comité da Federação das Juventudes Sindicalistas, para o qual tinha sido nomeado no último congresso juvenil.

Tomei esta atitude devido à forma incorrecta e pouco digna como procedeu uma parte do referido Comité assinando uma circular da U. A. P., a pesar de estar em minoria, com a agravante de a maioria ter discordado desse acto, por ter a maioria compreendido de que as Juventudes não se devem imiscuir na vida interna da C. G. T. Esta minha atitude é também motivada pela circunstância da referida minoria do Comité Federal se ter enfundado a um reduzido grupo de indivíduos que têm causado gravíssimos prejuízos à organização operária. Um dos membros dessa escassa minoria, o secretário geral Enfilado Santana, chegou ao extremo de sonegar a minha correspondência particular e responder a ela abusivamente, em nome do Comité, visto que não ter tido conhecimento deste facto.

Com indivíduos deste feitio moral não podia nem devia acamarar por mais tempo. São estes, sucintamente expostos, os motivos da minha decisão. — José dos Santos.

Um mercado no Alto do Pina

Uma comissão de vendedores ambulantes entregou uma representação em que pedem autorização para construírem ao ar livre um mercado para venda de produtos agrícolas e hortícolas, na rua Edith Cawell, prontificando-se a fazer as terraplanagens, a cercar o local vedando-o e até cobrindo-o se for preciso.

Hemorroidal

Cura-se evitando operação, tanto interno como externo, em 5 dias, na Farmácia Ultramarina, rua de São Paulo, 101. Receita completa, 30\$00.

A sorte dos quiosques

Voltaram ontem aos Paços do Concelho os donos dos quiosques da rua 24 de Julho, e Praça dos Restauradores, os quais pediram ao presidente da Comissão Administrativa para permanecerem naqueles locais com as suas instalações. O presidente respondeu que a Comissão Administrativa não revogava as suas deliberações.

Protecção aos animais

O guarda 820 da polícia civil, acompanhado de alguns sócios da Sociedade Protectora dos Animais, continuou ontem nas rusgas aos indivíduos que aplicam maus tratos aos animais, tendo apreendido 13 chiques e 21 cavalos, que no pósto de medicina veterinária da Sociedade foram pelos veterinários srs. Piedade Guerreiro e Filipe Caiola dados como incapazes para o serviço. Foram também presos o carroceiro Ramiro Ferreira e o proprietário de carroças Feliciano Vitorino, que foi condenado no tribunal dos pequenos delitos em 500\$00. As rusgas vão ser intensificadas, devido ao resultado obtido nos últimos dias.

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de **RICARDO MELLA**, **IDEÁRIO**, que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos: Doutrina — Crítica Social — Educação — Liberdade — Evolução — Revolução — Violência — Liberdade — Autoridade — Ensaio Filosófico — Moral — Teoria Sociológica — Pedagogia — Vida Espiritual — Homens Representativos — Trabalhos Polémicos — Lecturas — Fragmento Inédito.

Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50

Enviado à Administração da A BATALHA.

SOCIEDADES DE RECREIO

Troupe de Bandolinistas «Os Lyra». — Hoje às 21 horas, grandioso baile com diversas surpresas promovido pela Comissão de Melhoramentos em honra da Comissão Administrativa e da Troupe de Bandolinistas que se digna abri-lhar o referido baile.

TEATRO AVENIDA

Telef. 11.335
O teatro mais popular de Lisboa
HOJE, às 21,30 horas
COMPANHIA SATELETA-AMARANTE
Espectáculo sem rival em Lisboa e o único teatro que explore com êxito e agrado, a arte da comédia musical.

O monumental «vaudeville»
O Pão de Ló

SEXTA-FEIRA:
O DR. DA MULA RUÇA

Dois aeroplanos destruídos

DAKAR, 17. — Os indígenas apressaram e destruíram dois aeroplanos do serviço postal Dak e aprisionaram os seus tripulantes. — (L.)

TIVOLI

Telefone 11.5474
MATINÉE ÀS 3 HORAS
SOIRÉE ÀS 9 HORAS

YOLANDA

(DILIO DE PRINCEPIES)
Reconstituição histórica, em 2 jornadas, com
Marion Davies, Ralph Graves,
Holbrook Blinn, Lyn Harding e
Johnny Dooley.
ENREDO EMPOLGANTE

O casamento da Libélula

(Bonecos articulados)

UMA CINÉ-FARÇA

UM DOCUMENTÁRIO PORTUGUÊS

PIRILAU NO BOSQUE

(Bonecos desenhados)

Na Matinée têm entrada gratuita as crianças acompanhadas de suas famílias

INSTRUÇÃO

Concurso para professores efectivos

A folha oficial de hoje deve publicar o aviso fazendo nova prorrogação, até 24 do corrente, do concurso para provimento de lugares de professores efectivos dos liceus, aberto nos termos do art. 140.º do decreto n.º 12425, de 2 de Outubro findo.

Prorrogação de prazo

Não tendo alguns professores das extintas escolas primárias superiores enviado à direcção geral de ensino primário e normal os documentos a que se refere a portaria de 26 de Junho de 1926, publicado no *Diário do Governo* n.º 150, 2.ª série, foi concedido um novo prazo de 15 dias para o cumprimento do determinado naquele diploma. O não cumprimento do disposto no art. 1.º da citada portaria, será para todos os efeitos considerado como pedido de exoneração.

Ensino Industrial

O ministro do Comércio determinou, por seu despacho de ontem, que a comissão encarregada de classificar os candidatos às vagas de professores agregados das escolas de ensino elementar industrial e comercial seja composta pelos seguintes professores: Clemente Vitor Manuel Bueno y Martins, do Instituto Superior de Comércio, que presidirá; Duarte José Pacheco, do Instituto Superior Técnico, de Lisboa; António Jacinto Maria de Vilhena, do Instituto Industrial de Lisboa; Luís da Silva Viêgas, do Instituto Comercial de Lisboa; Celestino Rodarte de Almeida, da Escola Industrial de Afonso Domingues, de Lisboa; Eurico Humberto Tavares Moreira, da Escola Comercial de Ferreira Borges, de Lisboa; e Carlos Pedro Pinto Ferreira, da Escola Preparatória de Rodrigues Sampaio, que servirá de secretário. Os concorrentes, segundo informes que acabamos de colher, são em número elevadíssimo.

Universidade Nacional de Instrução e Educação

Na 2.ª secção desta Universidade, instalada na rua do Paraíso, 28, 1.º, estão abertas as matrículas todos os dias das 13 às 15 horas e das 19 às 23 horas, para os cursos diurnos e nocturnos de primeiras letras, instrução primária, trabalhos manuais, caligrafia, português, francês, aritmética e escrituração comercial, podendo inscrever-se nestes cursos como alunos, todos os indivíduos de ambos os sexos, crianças e adultos de qualquer profissão.

Dois nomes iguais

O médico sr. dr. Mário de Aguiar escreveu-nos uma carta demonstrando que nada tem a ver com o advogado sr. dr. Mário de Aguiar, que há dias pronunciou um discurso numa reunião de monárquicos.

NA MOITA

Um ensaio de música que termina num ensaio de pancadaria

Na Moita do Ribatejo reside o trabalhador Carlos Gonçalves, 15 anos, filho de Manuel Gonçalves e de Maria dos Santos. O Carlos é sócio da Sociedade Filarmónica «Estrela Moitense», daquela vila, em cuja sede esteve ontem assistindo a um ensaio de música. Terminado este, saiu em companhia de outros seus consócios dirigindo-se para casa, quando a meio do caminho se encontrou com um grupo de indivíduos do qual fazia parte um pedreiro, cujo nome se ignora, e que reside em Pina Novo. Ao cruzarem-se os dois grupos, o do pedreiro dirigiu qualquer chula ao outro, o que deu origem a troca de palavras azedas entre os dois grupos, acabando o tal pedreiro por disparar uma pistola, indo o projectil atingir no pescoço o Carlos Gonçalves que, depois de pensado no Banco do hospital de São José, recolheu a casa.

Purgações

Prostatites

Curam-se radicalmente na Farm. Ultramarina, R. de São Paulo, 101. Purgações, 4 dias. Prostatites, 21 dias. Antigas ou recentes, curam-se sempre.

Vendas ambulantes

A Câmara, ao que nos consta, vai estabelecer o mercado de livros usados no largo Trindade Coelho, permitindo aliás a venda daqueles livros noutros locais que não estejam compreendidos no perímetro em que foi proibida.

Também não é permitida no referido perímetro a venda de balões para crianças.

Bairro do Arco do Cego

Voltaram ontem novamente a visitar as obras do Bairro do Arco do Cego, os vogais srs. Quirino da Fonseca e Ferreira Lopes, que tiveram a companhia dos engenheiros Marrecas Ferreira. O motivo da visita foi verificar a forma mais rápida e melhor de concluir as edificações ali iniciadas, quando o bairro passe para a posse da Câmara.

CONTOS DE A BATALHA

O Vagabundo

por GUY DE MAUPASSANT

Há mais dum mês que João Randel corria de povo em povo à procura de trabalho. Tinha 27 anos, era carpinteiro, e como no seu país não havia quem lhe alugasse os braços, resolveu abandoná-lo para não se tornar pesado à sua pobre família.

Conseguiu os documentos indispensáveis e levando sete francos no bolso, partiu um dia para longínquas paragens. Não foi feliz. As suas excursões não lhe proporcionaram ensejo de realizar os nobres propósitos que o animavam: em todas as partes lhe diziam que a crise de trabalho era assustadora.

Para matar a fome, já que não podia exercer o seu ofício, foi moço de estrobaria, rachador de lenha, guardador de porcos; mas o salário que percebia não chegava senão por cerca de duas ou três vezes por semana. Por fim, nem isso já lhe dava dinheiro.

De maneira que teve de se sujeitar a comer o pão duro que lhe davam por esmola.

Uma tarde, João Randel, extenuado de fadiga, faminto, adrajado e descalço, vagueava por uma estrada sem saber como saciar o apetite que o devorava. No auge do desespero, pôs-se a gritar:

— Miseráveis! Infames! Não compreendo a razão porque deixais morrer à fome um indivíduo da vossa espécie! Então eu não tenho direito à vida como vós?

Parto de sofrer, João Randel decidiu regressar à sua terra, na esperança de encontrar ali trabalho, visto que, naquelas paragens, principiavam a desconfiar dele.

Passou a noite ao ar livre; e na manhã seguinte dirigiu-se a um lugar bastante frequentado e sentou-se numa pedra.

Era domingo. O povo daquelas imediações, atraído pelo repique dos sinos, acudia à primeira missa.

Randel ao notar a presença dum sujeito bem vestido e de aspecto bonacheirão, levantou-se, tirou o chapéu e pediu humildemente:

— Senhor, tenha piedade de mim. Por toda a parte procuro trabalho e não o consigo. E no meu bolso não tenho nem uma simples moeda de centavo.

O indivíduo respondeu-lhe:

— Você não sabe que nesta povoação é proibida a mendicância? Eu sou o administrador e se você não se retira imediatamente daqui mando-o prender.

— Não vejo nisto inconveniente — disse o vagabundo. Assim não morrerei de fome e terei onde dormir.

Volvido um quarto de hora, apresentaram-se dois policiais ao pé de Randel. Um deles perguntou-lhe:

— Que fazes aqui?

— Estou a descansar.

— De onde vens?

— De muitas partes.

— E para onde vais?

— Para Avaray, meu país natal.

— Em que te ocupas?

— Em nada. Procuro trabalho.

— Tens em ordem os teus papéis?

— Tenho. Aqui estão.

Vendo que estavam em ordem, os guardas devolveram-lhos.

— Tens dinheiro? — interrogou um dos policiais.

— Não; nem um centavo, sequer.

— Então de que vives?

— Do que me dão por esmola.

— Nesse caso entregas-te à mendicância.

— Pois é claro.

— Estás preso.

O carpinteiro ergueu-se e seguiu os policiais, que se dirigiram à povoação. Ao cabo de vinte minutos, introduziram-no numa

das salas do comissariado da polícia, onde João Randel encontrou o administrador sentado ao lado de um secretário.

— Ah! exclamou o magistrado... Com que então sempre se entrega à mendicância. Pelo visto, as minhas instruções de nada lhe valerão... Trará você documentos de segurança pessoal?

— Trá, sim, senhor — contestou um dos guardas. Estão em perfeita ordem.

— Você que fazia na estrada?

— Procurava trabalho.

— Na estrada?

— Não podia procurá-lo, oculto nos bosques.

— Fica absolvido — rematou o administrador. Mas não te reincidas.

— Preferia que me metesse na cadeia: estou cheio de fome, e morro de cansaço.

— Silêncio! Guardas, acompanhem o preso, e a duzentos passos da povoação, deixem-no em liberdade.

— Mas, por piedade, dêem-me alguma coisa de comer.

— Não faltava mais nada!

— Se o senhor não me fornece um almôço serei obrigado a cometer uma acção má.

O administrador ordenou:

— Retirem daqui esse homem.

Os dois policiais agarraram-nô e trouxeram-no para a rua.

Quando Randel se viu só, pôs-se a caminhar ao acaso. Ao passar em frente de uma casa, cuja janela estava aberta, sentiu um cheiro a comida.

— Desta vez — exclamou — não ficarei sem comer.

E bateu à porta, mas ninguém lhe respondeu.

Trepou então à janela e entrou na casa. A mesa estava posta. Os donos tinham ido à missa das onze e deixaram na fogueira o almôço que consistia de sopa de legumes, de carne cozida e arroz.

Randel precipitou-se primeiro sobre o pão; depois comeu tudo o que pôde. Bebeu também uma garrafa de vinho e meia de aguardente e guardou no bolso o resto do pão.

Meio embriagado dirigiu-se a uma cómoda. Ali encontrou uma bolsa que continha dez francos. Sem saber o que fazia, apoderou-se dela e abandonou precipitadamente a casa.

Posto novamente a caminho, procurou um bosque para descansar um pouco.

Sentou-se ao pé duma árvore e passou cinco minutos, dormia a sono solto.

Decorridas, porém, duas horas, foi acordado pelos mesmos guardas que, de manhã, o haviam prendido.

— Já sabíamos — diz um dos policiais — que havias de tornar a cair nas nossas mãos.

— Sou um criminoso — confirmou João Randel. E agora o único remédio que tens é de me meter na cadeia.

— A caminho! gritaram ao mesmo tempo os agentes da autoridade.

Percorrida légua e meia, chegou a comitiva à povoação.

Todas as portas e janelas se encontravam abertas. O roubo fôra logo conhecido; e toda a gente queria ver o rosto do malfeitor.

Assim que o desgraçado carpinteiro chegou à presença do administrador, este, estregando as mãos, berrou com satisfação:

— Ah! patife! Por fim caíste sob a alçada da lei!... A brindeira! a alçada que te proporcionou um suculento almôço vai-te custar catorze anos de presidio...

Guy de MAUPASSANT

TEATROS

As despedidas de «O Paralítico»

Agora que «O Paralítico» se está despedindo do público do Teatro Nacional é justo assinalar o triunfo artístico que conseguiu a Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha com a sua interpretação e com o êxito obtido. Não era fácil naquele teatro vencer-se, e José Alves da Cunha venceu, em toda a extensão da palavra. «O Paralítico», ainda que sendo um drama romântico e antigo, foi, neste começo da época de inverno, a peça do dia, a peça em que se falava. Exito igual, se não superior, alcançará a peça actualmente em ensaio, «L'Homme et ses fantômes», de Lenormand, que vai ser posta em scena com originalíssimos cenários de Leitão de Barros e na qual Alves da Cunha interpretará o papel de «O Homem», onde há pedaços de comédia, alta comédia, drama e tragédia.

Adeus de «O Pão de Ló»

Hoje realiza-se, no Avenida, a última representação do monumental «vaudeville» de incomensurável sucesso, «O Pão de Ló», aviso suficiente para o público, nesta derradeira noite, ir em massa ao popular teatro fazer as suas despedidas da peça quasi imortal. Amanhã, «reprise» do 2.º gracioso e despoletado «vaudeville» da Companhia Sateleta-Amarante, «O Dr. da Mula Ruça», três actos de gargalhada, recheados da graça reconhecida de Ernesto Rodrigues, Félix Bermudes e João Bastos, ornados de bela música do maestro Wenceslau Pinto. Marcam-se bilhetes para este espectáculo.

Petit Beby

Petit Beby, o artista que está trabalhando com sucesso no Foz, fará hoje números novos que, certamente, vão obter igual êxito. Sarah-Gaby também apresentará um novo repertório, em que devemos destacar os números cómicos. Carmen Chinchilla triunfou. Pepita Camélia é uma artista de «east-tism». E Yette Daurigny é uma cantora francesa que exhibe um admirável repertório. A «Foz Melody Band» dá todas as tardes e todas as noites um interessante concerto. Os espectadores de hoje começam pelo notável «film», em 6 partes, «Lutando com as chamas».

No próximo sábado no Ginásio é a «première» da nova peça «A petiza do gato», que Amélia Rey Colaço vai criar entre nós. Estrela-se nesta companhia o actor Joaquim de Oliveira, que vai interpretar o papel de «Paco», ao lado de Gaspar Alves da Cunha, do de «Zigumundo»; Luís Leitão, do de «Senhor Eulário»; e Vital dos Santos, do de «Senhor Venancio».

Armando de Vasconcelos vai apresentar hoje, com a sua excelente companhia, uma opereta, «O Príncipe Orloff», que ele ensinou com todos os requisitos, todas as originalidades, todas as surpresas, todas as inesperadas atracções de montagem, de maquinismo, de movimentação, de efeitos de luz, de deslumbramentos de cenário, guarda-roupa, bailados e «jazz-band» que caracterizam as modernas operetas.

— Está a opereta «A Princesa Manequim».

Ecos do desastre de Alhos Vedros

No dia 27 do corrente, realiza-se, pelas 12 horas, no Tribunal dos Desastres no Trabalho, à rua da Boa Vista, 9-1.ª, uma tentativa de conciliação entre os industriais corticeiros Manuel Martins Pinto Júnior e Elias M. Gameiro, arrendatários da fábrica de cortiça de Alhos Vedros que deram, causando ferimentos de importância a cerca de 48 operários.

Nesta tentativa de conciliação devem comparecer à hora indicada os operários sinistrados Agostinho Pinto, Joaquim Alves Peixoto, Horácio de Sousa, Maria Senhorinha, Carlota Paulo, Melsa, Odete Santos Estrela, Virginia Luisa Urbano, José Joaquim David e José David.

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

Concurso para a adjudicação da exploração da venda de flores e frutas na estação de Lisboa T. P.

Faz-se público que no dia 30 do corrente mês de Novembro, pelas 13 horas, na sede do Serviço do Movimento, Tráfego e Recreações em Barreiro, perante o respectivo Engenheiro-Chefe do Serviço, terá lugar o concurso para a adjudicação da exploração da venda de flores e frutas na estação de Lisboa T. P.

Para ser admitido a este concurso tem o concorrente de mostrar que efectua no depositário provisório de 150\$00 (cento e cinquenta escudos), depósito que será feito até às 16 horas do dia 29 de Novembro corrente.

A base de licitação é de 3.000\$00 (três mil escudos).

Os cadernos de encargos e condições estão patentes na Secretaria da Direcção em Lisboa, (rua de S. Mamede do Caldas) n.º 63 e no Serviço de Movimento, Tráfego e Recreações (Secção de Tráfego), Palácio Coimbra em Barreiro, onde poderão ser examinados todos os dias úteis das 11 às 16 horas — Lisboa, 1 de Novembro de 1926. O Engenheiro-Director, (a) Indício Pimentel.

Lede o Suplemento da «A Batalha»

marcando todas as noites, no Apolo, para a companhia Almeida Cruz, não só um belo sucesso, como justificando absolutamente o agrado do público pela iniciativa destes espectáculos, em duas sessões, todas as noites, a preços baratíssimos em todos os lugares.

— Numas séries ininterruptas de encontros, tem afluído ao Eden Teatro, para aplaudir com entusiasmo «O Cabaz de Morangos».

— Após um sucesso formidável faz hoje nova apresentação, no Coliseu dos Recreios, o assombroso número «A Bala Humana», executado pelo arrojado artista Hugo Zachin.

Na matiné têm entrada gratuita todas as crianças até aos 10 anos.

TEATRO NACIONAL HOJE

Telef. N. 3049

COMPANHIA BERTA BIVAR — ALVES DA CUNHA

A's 21 horas: representação do sensacional drama em 4 actos

O PARALÍTICO

peça que todos devem ir ver para apreciar o notável trabalho do illustre actor

ALVES DA CUNHA

O mais artístico espectáculo da actualidade

BREVEMENTE — A tragédia: O homem e os seus fantasmas

III Congresso de Electricidade

Reuniu novamente a comissão organizadora do 3.º Congresso de Electricidade, a fim de fixar definitivamente os pormenores do Congresso e o seu programa.

Os congressistas que ainda se não inscreveram, poderão obter os seus cartões de identidade no próprio local do Congresso, onde também se fará a distribuição das publicações, que, por absoluta falta de tempo, não poderão ser expedidas antecipadamente.

A Câmara Municipal de Coimbra concede passagem gratuita nos eléctricos aos congressistas, mediante apresentação do seu cartão de identidade e durante os dias do Congresso.

A excursão às Minas e Indústrias do Cabo Mondego realiza-se na terça-feira, 23, sendo os congressistas considerados hóspedes da Empresa Industrial e Mineira de Portugal.

Novo mercado agrícola

Já foi assinada a escritura do contrato da concessão do novo mercado, que se destina a substituir os mercados livres da Praça do Brasil e de Campolide.

O novo mercado, que tem entrada pela rua Alexandre Herculano, 64, e rua Rodrigo da Fonseca, vem beneficiar extraordinariamente a população daquela parte da cidade, que ficará servida, depois das grandes obras de adaptação que se vão realizar, por um dos melhores e mais amplos mercados da capital.

O mercado, que, parece, se denominará «1.º de Dezembro», deve abrir no dia 1 do próximo mês, para o que se vai proceder às instalações provisórias, seguindo-se as obras da construção do mercado definitivo.

OS QUE MORREM

João de Moura

Realizou-se ontem o funeral do desditoso camarada João Moura, militante do Sindicato dos Empregados no Comércio de Lisboa e do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa.

Fizeram representar-se os seguintes organismos: Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, Federação das Juventudes Sindicalistas, Empregados no Comércio de Lisboa, Secção dos Carpinteiros Civis, Secção dos Profissionais Pedreiros, Secção dos Serventes Profissionais, Secção Sindical da Construção Civil do Alto do Pina, Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército e Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa.

CAMBIOS		
Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		94\$75
Madrid, cheque		2\$97
Paris, cheque		566
Suiza, cheque		3578
Bruxelas, cheque		2574
New-York, cheque		19\$60
Amsterdã, cheque		7\$84
Itália, cheque		381
Brasil, cheque		2\$60
Praga, cheque		5\$24
Suécia, cheque		2\$77
Austria, cheque		4\$67
Berlim, cheque		

TEATROS
Nacional. — A's 21, 15. — O Parafítico.
Avenida. — A's 21. — O Pão de Ló.
Politeama. — A's 21. — O Centenário.
Ginásio. — A's 21. — Sonho de uma noite de Agosto.
Apolo. — A's 20, 30 e 22, 30. — A Princesa Manequim.
Eden. — A's 20, 45 e 22, 45. — Cabaz de Mo-rangos.
Variedades. — A's 20, 30 e 22, 45. — Saricotté.
Maria Vitória. — A's 20, 30 e 22, 30. — Pis-tilhada.
Coliseu. — A's 21. — Companhia de circo.
Salão Foz. — A's 15 e às 20, 30. — Varie-da-des.
Avenida Parque. — Diversões.

CINEMAS
Tivoli. — Avenida da Liberdade. — Olim-pia. — Matins e soirées. — Salão Central. — Praça dos Restauradores. — Chiado Terrace. — Rua António Maria Cardoso. — Cinema Condes. — Avenida da Liberdade. — Pathé Cinema. — Rua Francisco Sanches. — Salão Ideal. — Rua do Loreto. — Eden Cinema. — Rua do Alentejo (Alcântara). — Cine Paris. — Rua Ferreira Borges. — Alhambra. — Parque Mayer. (Variedades). — Salão Lisboa. — (Mouraria). — Cine Esperança. — (Rua da Esperança). — Domingos, terças, quin-tas e sábados, às 20, 30, animatógrafo. — Salão da Promotora. — A's 20 horas.

Policlínica da Rua do Ouro
Entrada: RUA DO CARMO, 98
TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões. — Dr. Armando Nar-cizo. — A's 8 horas.
Cirurgia, operações. — Dr. Bernardo Vilar. — 10 ho-ras.
Rins, rins urinários. — Dr. Miguel Magalhães. — 10 horas.
Pele e sífilis. — Dr. Correia Figueiredo. — 11 e às 2 horas.
Doenças nervosas, electroterapia. — Dr. R. Loff. — 2 horas.
Doenças dos olhos. — Dr. Mário de Matos. — 2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos. — Dr. Mário Oliveira. — 12 horas.
Estômago e intestinos. — Dr. Mendes Belo. — 3 ho-ras.
Doenças das crianças. — Dr. Emílio Paiva. — 2 ho-ras.
Doenças das crianças. — Dr. Filipe Manso. — 12 ho-ras.
Tratamento de diabetes. — Dr. Ernesto Roma. — 5 horas.
Boca e dentes. — Dr. Armando Lima. — 10 horas.
Cancro e rádio. — Dr. Gabriel de Melo. — 1 hora.
Kau X. — Dr. Alex Salgueiro. — 1 hora.
Análises. — Dr. Gabriela Beato. — 1 hora.

Grande Lotaria do Natal
a 23 de Dezembro
Prémio maior 4.000.000\$00
imediatos 1.200.000\$00

Única lotaria que rivalisa com a lotaria de Espanha

CAMBIO — Compra e vende as melhores peças do mercado, notas, moedas nacionais e estrangeiras e coupons

Albergo dos Inválidos do Trabalho
Por ordem do Ex.º Sr. Presidente da Mesa é convocada a assembleia geral a reu-nir no próximo domingo, 21 do corrente, pelas 13 horas, para leitura e discussão do parecer da comissão revisora de contas e eleição da direcção.

Edições de "A Sementeira"
Órbitas neo-malthusianas \$50
Prático em que somos anarquistas \$30
A peste religiosa \$40
A Liberdade \$50
A Internacional (música e letra) \$30
Pedidos a A BATALHA ou no Caisado Sodrê, 82

ISQUEIROS
Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.
Pedidos a:
FRANCISCO LATTA
LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Tabacaria e Kiosque

CONSELHO TECNICO
DA
CONSTRUÇÃO CIVIL
Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam res-peito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpe-sas, construção de fornos em to-dos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xa-drões, frentes para estabelecimen-tos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as prove-niências.
Telefone — 539 Trindade
Escritório:
Calçada do Combro, 38-A, 2.º

FABRICA
de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimen-to
GOARMON & C.ª
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

NAO SOFRAM MAIS!



— Usem HERPETOL para as —
doenças da pele —
Umhas gotas deste medicamento acalmam e fazem por completo desaparecer a coceira. O HERPETOL é a realidade o primeiro medicamento descoberto para as doenças da pele, tais como: ECZEMAS, MANCHAS, ERUP-ÇÕES, ESPINHAS, CRUSTAS, ALOPECIA NA PELE e MORDERURAS DE INSECTOS. Instantes depois da aplicação, o paciente vê com regozijo sintomas de restabelecimento. A CURA É CERTA, em muitos casos um só frasco e o suficiente para uma cura. Se sofrer, compre sem demora esta especialidade que se vende nas principais farmácias.

DEPOSITOS:
LISBOA, R. DA PRATA, 237, 1.º

Menstruação
Aparece rapidamente seja qual for a causa tomando o
FERREOL
Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00.
Envia-se pelo correio à cobrança.
FARMACIA CUNHA
R. da Escola Politécnica 16 e 18
LISBOA

A PRESTAÇÕES
Fatos, calçado, sobretudos, pelu-ches, roupas brancas, chapéus, arti-gos de lã, peles, capas e todos os artigos próprios da estação, mobi-lia em ferro e madeira, — na antiga e acreditada casa da Rua António Pedro, 52.

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A
TODOS OS TRABALHADORES
Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA ga-rante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imedia-tamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MEN-SAIS pagos enquanto for vivo.
Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famí-lia e para com vós mesmos, segurando-vos em
A MUNDIAL
Companhia de Seguros Sede — Rua Garrett, 95 LISBOA
Sociedade Anónima IMPORTANTE:
do Responsabilidade Limitada Mediante um ligeiro sobre-prémio, A MUNDIAL põe-vos-lá ao abrigo da
DOENÇA E INVALIDEZ

NINGUEM!! NINGUEM!!
deve comprar casacos para senhoras e crian-ças em peluches de lã, peluches de seda e de outros tecidos de lã modernos e so-bretudos para homens
sem primeiro ver na
CASA MARIPOSA
RUA DOS FANQUEIROS, 87 a 91

MALETAS DE CABEDAL
em todas as qualidades e feitios,
vendem-se a preços de fabricante
— EM —
A ORIGINAL
RUA DA PALMA, 266-A

Lotaria do Natal
Em 23 de Dezembro de 1926
Prémios maiores .. 4.000.000\$00
imediatos 1.200.000\$00
Bilhetes a 1.000\$00 e quadragési-mos a 25\$00, cautelais a 6\$00. Pelo correio mais 5\$00.
Pedidos a
Campião & C.ª
116, RUA DO AMPARO, 116
LISBOA

A' venda na administração de "A Batalha"
Cartilha do homem do povo \$50
Programa agrícola do Partido Ope-rário Francês, por Paulo Lofor-gue \$50
O que é ser socialista?, por Ernesto da Silva e Ladislau Batalha \$50
Deus, o Diabo e o Homem, por Lou-renço da Silva \$150
Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar \$100
A Humanidade, por Taraf Javol \$150
O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin \$200
Monarquia Jesuitica, por Melchior Zuchner \$200
Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série \$250
O Mitrasso, pelo prof. Almeida Paiva \$250
Os Crimes da Sacristia, por Alexan-dre Barbas \$300
A Religião da Humanidade, por José Augusto Correia \$350
A Filologia perante a História, por Nobre França \$50\$00

"Educação Social"
Revista de pedagogia e sociologia
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA
Publicação mensal
Redacção e administração — Empresa Lite-rária Fluminense, Limit.ª — R. dos Re-trozeiros, 125 — LISBOA.
A' venda na administração de "A Batalha".
LA NOVELA SOCIAL
LA LOCA VIDA
E' o titulo do n.º 10 da interessante colec-ção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o titulo genérico de *Novela Social*, encontrando-se a venda na nossa administração ao preço de \$50. Pelo cor-reio \$70.

FIGUEIRA DA FOZ
A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firme Ferreira Pinto da Fon-seca, na rua da República, 132.

OBRAS DE LITERATURA, CIÊN-CIA E ENSINO		
Abel Botelho — Amanhã.....	16\$00	
Alexandre Hercolano.....		
Lendas e Narrativas (2 volumes).....	18\$00	
Cartas (2 volumes).....	18\$00	
História da origem e estabeleci-mento da inquisição em Portu-gal (3 vols.).....	27\$00	
Adolfo Lima.....		
Contracto do Trabalho.....	10\$00	
Educação e ensino.....	5\$00	
O ensino da história.....	1\$50	
Aquillino Ribeiro.....		
Anatole France.....	3\$00	
Estrada de São Tiago.....	10\$00	
Jardim das Tormentas.....	10\$00	
Via Sinuosa.....	10\$00	
As Filhas da Babilónia.....	10\$00	
Terras do Demo.....	10\$00	
Augusto Machado — Impossível re-denc'õ (novela).....	\$25	
Augusto de Sousa — Fôlhas perdidas (Fados).....	10\$00	
Bente Faria — Missa nova (teatro em verso).....	2\$00	
Binet-Sanglé — A loucura de Jesus.....	4\$00	
Buckner, — O homem segundo a ciência.....	12\$00	
Fôrça e Matéria.....	12\$00	
Charles Darwin — Origem das espe-cies.....	14\$00	
Campes Lima.....		
O Estado e a evolução do Direito	12\$00	
O Amor e a Vida.....	5\$00	
Ceia dos Pobres.....	2\$00	
A Revolução em Portugal.....	6\$00	
Cristiano Lima — A escola de Nun'Al-vares (novela).....	\$25	
Duarte Lopes — Frei Sangué.....	5\$00	
Eça de Queiroz.....		
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	
O primo Basílio.....	15\$00	
O Mandarim.....	8\$00	
Os Maias (2 vol.).....	28\$00	
A Reliquia.....	15\$00	
A Cidade e as Serras.....	12\$00	
Fructuoso Mendes.....	9\$00	
Prosas Bárbaras.....	15\$00	
Ecce de Paris.....	10\$00	
Cartas Familiares.....	9\$00	
Cartas de Inglaterra.....	9\$00	
Minas de Salomão.....	9\$00	
Notas Contemporâneas.....	15\$00	
Últimas páginas.....	15\$00	
Contos.....	15\$00	
Ernesto Haackel.....		
História da Criação.....	20\$00	
Origem do Homem.....	5\$00	
Os enigmas do Universo.....	14\$00	
Monismos.....	4\$00	
Religião e evolução.....	6\$00	
As maravilhas da vida.....	14\$00	
Faguet — Iniciação filosófica.....	5\$00	
Iniciação literária.....	10\$00	
Faria de Vasconcelos.....		
Problemas escolares.....	5\$00	
Por terras de além mar.....	5\$00	
Ferreira de Castro.....		
Sangue Negro.....	2\$50	
Sendas de Lirismo e de Amor.....	8\$50	
A Peregrina do Mundo Novo.....	6\$00	
F. Castro e E. Frias — A Boca da Es-treza.....	8\$00	
Flamarion.....		
Iniciação astronómica.....	5\$00	
Contos de luar.....	5\$00	
Como acabou o mundo?.....	7\$00	
Os habitantes dos outros mundos	4\$00	
Felix le Dantec — As influencias an-testrais.....	10\$00	
Ateísmo.....	6\$00	
Fialho de Almeida.....		
Lisboa Galante.....	10\$00	
Estâncias de Arte e Saúde.....	9\$00	
Figuras de destaque.....	9\$00	
Actores e Autores.....	9\$00	
Contos.....	9\$00	
A Esquina.....	9\$00	
Avés Migradoras.....	9\$00	
Barbear, Pentear.....	9\$00	
Cidade do Vício.....	9\$00	
Passadinhas.....	9\$00	
País das Uvas.....	9\$00	
Saibam quantos.....	9\$00	
Vida errante.....	9\$00	
Vida irónica.....	9\$00	
Guerra Junqueira — A morte de João Musa em férias.....	10\$00	
Os Simples.....	7\$00	
A velhice do Padre Eterno (Eca-cadernado de luxo).....	14\$00	
Brochada.....	10\$00	
Gorki — Os Degenerados.....	4\$00	
Os Vagabundos.....	4\$00	
Na Prisão.....	2\$50	
Ibsen — Espectros.....	4\$00	
Casa de bonecas.....	5\$00	
Jacquinet — História Universal, 2 v. Jaime Cortezão — Adão e Eva (tea-tro).....	10\$00	
José Benedy — A ciência redentora (novela).....	\$25	
Jesus Pelozo — O mestre geral (no-vela).....	\$25	
Jorge Teixeira — Gatunos de Luva Branca — A Escamalha (peças de teatro).....	2\$50	
Juliano Quintinha.....		
Visinhos do Mar.....	\$500	
Cavalgada do Sonho.....	\$500	
Terras de Fogo.....	\$25	
Dor vitoriosa (novela).....	\$500	
Laisant — Iniciação matemática.....	\$500	
Malvert — Ciências e Religião.....	10\$00	
Mário Domingues — Hugo, o pintor (novela).....	\$25	
Anastácio José (idem).....	\$25	
Manuel Ribeiro.....		
Poder redentor (novela).....	\$25	
Mirbeau — O Jardim dos Suplicios.....	4\$00	
Nequeira de Brito.....		
I-Memorial de Angela Pinto	15\$00	
Sangue Fidalgo (novela).....	\$25	
Não, diz a Lei (novela).....	\$25	
Pargame — Origem da vida.....	\$300	
Olivera Martins.....		
Helenismo e a Civilização Cristã.....	15\$00	
História da Civilização ibérica.....	15\$00	
História da República Romana (2 volumes).....	30\$00	
História de Portugal (2 vol).....	30\$00	
Raças Humanas (2 vol).....	30\$00	
O Brasil e as Colónias Portuguesas.....	15\$00	
Cartas Peninsulares.....	15\$00	
Sistema dos mitos e ficções religio-sas.....	15\$00	
Orlando Margal.....		
Águas claras.....	6\$00	
Imagens de Sonho.....	1\$00	
Raul Brandão.....		
Os Pescadores.....	10\$00	
Os Pobres.....	10\$00	
O Teatro.....	\$300	
Spencer — Da Educação (br. 5\$00) enc. Sobral de Campos — Dois tiros (no-vela).....	\$25	
Tolstoi — A sonata de Kreutzer.....	4\$00	
Ana Karenine (3 vol).....	15\$00	
Toulouse — Como se deve educar o espirito.....	4\$00	
Wenceslau de Moraes.....		
Dai-Nippon.....	12\$50	
Victor Hugo.....		
França e Bélgica.....	10\$00	
O Reno (2 v.).....	15\$00	
Os Miseráveis (2 grossos vol) illus-trados, encadernados.....	40\$00	
Zola.....		
A Taberna.....	12\$00	
Tereza Raquin.....	5\$00	
Alegria de viver (2 vol).....	8\$00	
A conquista de Pissans, (2 vol).....	8\$00	
Fecundidade.....	20\$00	
A fortuna dos Rougons, (2 vol).....	8\$00	
Uma página de amor.....	9\$00	
Dr. Pascal.....	8\$00	
FOLHETOS		
Eliseu Redius — Anarquia e a Igreja.....	1\$00	
A Evolução legal e a anarquia.....	\$30	
Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura.....	\$50	
José Prat — A burguesia e o prole-tariado.....	\$50	
A necessidade da Associação.....	\$50	
Content — Contra o confusãoismo.....	\$30	
Alfredo Neves Dias — Razão (poeme-to social).....	\$50	
Ernesto da Silva — Teatro livre e Arte Social.....	\$30	
Landauer — Social Democracia.....	\$30	
R. Mela — O principio do fim.....	\$30	
A maçonaria e o proletariado.....	\$30	
J. Most — Peste religiosa.....	\$50	
João P. do Rio.....		
Definições sociais.....	\$50	
Horas anarquistas (versos).....	\$50	
Trovas da Noite.....	1\$00	
Roberto, o pescador.....	1\$00	
Memórias do Parque de São João do Forte.....	\$75	
Carnet de Pensamento.....	\$20	
I. Bakunine — O sentido em que so-mos anarquistas.....	\$50	
Chueca — Como não ser anarquista.....	\$50	
Lazare — A Liberdade.....	\$50	
B. Etrivart — A minha defesa.....	\$50	
I. Kropotkin.....		
Os bastidores da guerra.....	\$30	
Moral anarquista.....	\$50	
O espirito revolucionário.....	\$50	
O estado e o seu papel histórico.....	1\$50	
J. Guedes — Lei dos Salários.....	\$50	
Briand — A greve geral.....	\$50	
Roland — Rússia Nova.....	\$50	
.. O sindicalismo e os intelectuais.....	\$50	
D. Carvalho — A gestão sindical no período revolucionário.....	\$50	
A. Hamon — A crise do socialismo.....	\$50	
J. Santos — A transformação da sociedade.....	\$50	
Neno Vasco.....		
Georgicas.....	\$30	
Greve de inquilinos, teatro.....	1\$00	
Proletariado Histórico.....	1\$00	
G. Archinof — A Revolução so-cial e o Sindicalismo.....	\$50	
Carlos Rates — Aditadura do pro-letrariado.....	1\$00	
Emilio Chapelier — Porque não creio em Deus.....	1\$00	
Rodolfo Rocker — O sindicalismo revoluc. e a organização operária.....	1\$00	

OS MISTERIOS DO POVO 18-11-1926 N.º 802

sua sorte. Naquella dia só corria perigo quem quisesse desarmar a cólera popular, e Vitória partilhava o sentimento geral de Paris sobre a necessidade dum exter-minio completo dos prisioneiros. Mas, de repente, lembrei-me do jesuita Morlet e do seu cúmplice Lehiron; sabia o odio que o reverendo tinha a minha irmã. Tais pensamentos produziam em mim uma crescente ansiedade: o jesuita e Lehiron eram capazes de todos os crimes, e neste dia nefasto, em que o sangue corria a jorros, nada seria tão fácil a esses miseráveis como o assassinato de Vitória. O abade-Morlet, fiel à sua esperança de ver a revolução deslustrar-se e per-der-se pelos excessos cometidos, devia ter instigado o povo a matar os prisioneiros; podia ter também ido, disfarçado, às prisões com Lehiron e a sua quadrilha, e encontrando minha irmã, apontá-la aos assassinos. Estes pensamentos produziram em mim as mais negras apreensões. De minuto a minuto aumentavam os meus receios. E não havia meio de os dimi-nuir!... Estava eu em extrema ansiedade quando ouvi passos na escada; corri à porta, que se abriu. Vitória soltou um grito de alegria, lançou-se nos meus bra-ços e desatou a chorar, murmurando por entre lá-grimas: — Meu irmão, meu querido irmão, torno emfim a encontrar-te! Graças a Deus! A emoção de Vitória serenou, e ela disse-me então qual a causa dos seus sustos: — Ainda agora, vindo eu para casa, encontrei, a distância duns dez passos daqui, o nosso vizinho Du-breil; reconheci-o a luz do candieiro. Quando me viu, parou, olhou para mim com uma expressão de pun-gente surpresa, e disse-me: «Vem procurar João?» Como eu lhe respondesse que sim, ele replicou-me: «Ai! o pobre João falou ao povo esta manhã, neste mesmo logar, contra a matança dos prisioneiros... tomaram-no por um traidor, e a multidão, na sua fú-ria...» O nosso vizinho interrompeu-se neste ponto e ocultou o rosto com as mãos. Eu compreendi então tudo: cedendo à generosidade do teu coração, tu que-

rias opôr-te a que a justiça popular seguisse o seu curso, e tinhas pago com a vida essa tentativa!... Foi este o meu primeiro pensamento: fiquei um mo-mento assombrada; perturbou-se-me o espirito, e eu cheguei a pensar que ia enlouquecer. Corri até à por-ta, bradando: — «Meu irmão, meu irmão!» O por-teiro perguntou-me porque estava inquieta, e disse-me que havia duas horas que tu tinhas chegado a casa. Mas eu não podia dar-lhe crédito enquanto não te visse! Eu contei então a minha irmã a causa do engano do nosso vizinho, confessando-lhe que quasi me custara a vida a minha intervenção a favor dos prisioneiros. Disse também a Vitória os receios em que estava por causa da prolongada ausência dela; porque, conhe-cendo o odio que lhe tinha o jesuita Morlet, eu tinha imaginado que ele apparecesse também nas prisões para instigar a matança. — E' verdade, me disse minha irmã, que o jesuita appareceu um instante à porta da Abadia com Lehiron e alguns dos seus bandidos. Mas eles logo viram que não estavam bem ali; na Abadia não se roubava nem assassinava; julgava-se, condenava-se os criminosos... e libertava-se os inocentes. — Ah! e em nome de que lei eram uns condena-dos e outros absolvidos? — Em nome da justiça eterna, que pune os maus e poupa os bons. Eu estava espantado a ouvir Vitória, a quem re-pliquei: — E ainda que um simulacro de julgamento presi-disse a essa carnificina, com que direito se constitu-íram esses homens em juizes, acusadores e algozes dos prisioneiros? — Irmão! com que direito é que os jurados que assistem às sessões do tribunal revolucionário criado a 17 de Agosto último declaram inocentes ou crimi-nosos os acusados? — Usam dum direito que lhes dá a lei. — Então a lei reconhece em certos casos aos ci-

dadãos eleitos pelo povo o poder de condenar ou absolver?... — Em certos casos, sim, mas o caso de que se trata não é desses. — Isso são subtilidades de advogado, João. Vou con-tar-te o que se passou na minha presença: o povo elegeu por aclamação um tribunal revolucionário de onze jurados, para julgar os prisioneiros. Eu vi e ouvi tudo, e juro por Deus e pela minha consciência que todos os que foram condenados mereciam a morte. Ouve o que te vou contar, e depois te pronunciarás pelos que glorificam os acontecimentos de Setembro ou pelos que os condenam. Eis-lhes factos que provoca-ram a invasão da Abadia; três carros com padres re-fractários, acusados de terem incitado a guerra civil, iam para a prisão; no momento em que os veículos se aproximavam da porta, um dos padres que, pela violência das suas expressões, ofendia a multidão, foi insultado. Furioso, o padre atirou uma bengalada a um dos que o tinham injuriado; a multidão, exaspera-da, entrou na prisão atrás das carruagens, e matou os padres que estavam nelas. Foi nesta ocasião que eu entrei na Abadia. Quasi ao mesmo tempo comigo entrava Manuel, o procurador sindic da communa. O povo exigia então que os guardas entregassem os prisioneiros. Manuel pediu a palavra, e leu o seguinte decreto da communa: «Em nome do povo, cidadãos, sois convidados a julgar todos os prisioneiros da Abadia, sem distincção, excepto o abade Lenfant, que deverá ser posto em lugar seguro.» «Casa da câmara, 2 de Setembro de 1992. Assinados: Paris, Sergeant, administradores.» Manuel, depois de ter lido este decreto, exclamou: — Cidadãos! é justo o nosso ressentimento; guerra de morte aos inimigos do bem publico; com-batamol-os sem dó nem consciência, pois é preciso

que eles morram. Mas todos nós amamos a justiça, e nos basta a todos só a idea de mancharmos as mãos em sangue inocente para nos fazer tremer de horror. E' preciso que nos não lancemos como tigres contra homens, que são nossos irmãos. Reünio-se na secretaria da prisão um tribunal eleito pelos assistentes e presidido por Maillard: en-trava-se para a secretaria por um postigo que comu-nicava para o interior da prisão, e saia-se por uma porta que comunicava para o pátio; era ali que os justiceiros esperavam os condenados para os imola-rem. Maillard tinha na sua frente, sobre a mesa, o registro da prisão, onde estavam assinaladas as acu-sações contra cada preso, e o motivo da sua prisão. A cada nome que era chamado, ia um carcereiro bus-car um preso, depois introduzia-o no tribunal... e agora vais ver como procedia o tribunal: trouxeram um cavaleiro de São Luis, ex-capitão de caçadores do rei. O acusado, outrora senhor de muitas paróquias, possui ainda uma grande fortuna; chama-se Journiac de São Meard. Eil-o perante o tribunal, dizendo o seu nome, etc. «O sr. é realista?» lhe perguntou Maillard. E como São Meard se perturbasse com esta pergunta, Maillard disse-lhe ainda: «Responda sem receio, que nós estamos aqui para julgar, não as opiniões, mas só os seus resultados.» O cavaleiro de São Meard, homem resolutivo e leal, respondeu: «Sou realista, e tenho saudades do antigo regime; creio a França es-sencialmente monárquica. Nunca occultei as minhas opiniões; tenho um génio naturalmente zombeteiro, e por isso tenho publicado muitos versos satiricos contra a revolução. São estas as principais bases da minha acusação. Quanto a outros factos, tenho em meu pu-der documentos que felizmente me permitirão que lhes prove a minha inocência, cidadãos.» E São Meard ti-rou duma carteira muitos papéis, que foram cuidadosamente examinados; testemunhas que por acaso es-tavam lá, foram ouvidas pró e contra o acusado. A sua defesa, muito desenvolvida, durou cerca de meia hora, e ele terminou-a com estas palavras: «Tenho



PROBLEMAS SOCIAIS

Sistemas e elementos da produção

O indivíduo está sujeito a múltiplas necessidades que tem de atender, especialmente as que interessam à sua conservação física, sob pena de morrer.

Os tempos primitivos obrigavam à aquisição de meios de vida como fosse possível e onde fosse possível. Carecia-se de instrumentos de trabalho apropriados e da necessária capacidade.

A terra dava espontaneamente frutos que os homens saboreavam sem o menor esforço. Os rios eram outras fontes de recursos para a vida. Mas os objectos para o consumo eram produzidos e obtidos com o esforço directo do consumidor.

A caça, a pesca, o cultivo da terra e a fabricação de objectos eram realizados pelos que precisavam de consumir e usar desses objectos e dessas coisas. E os meios de obter (instrumentos de caça, ou pesca, cultivo, etc.) pertenciam aos próprios consumidores.

Os factores da produção — terra, instrumentos e trabalho — estavam reunidos, associados para um só fim. Todo o produto necessário, na sua fabricação, do concurso dos três factores: matérias primas, instrumentos e força de trabalho. Por exemplo: a fabricação de móveis precisa de madeiras (matéria prima), ferramentas (instrumentos indispensáveis), e força de trabalho (operários manuais).

Os dois primeiros elementos são «passivos» e permaneceriam eternamente imóveis e improdutivos se um terceiro elemento, o verdadeiro e único «activo», a força de trabalho, não intervesse pondo em movimento os outros, levando-os a produzir coisas necessárias ao consumo e à permuta.

A produção requer o concurso dos três elementos, porque eles são indispensáveis e inseparáveis e a sua associação impõe-se, no terreno natural dos processos de produção, porque desta são três factores.

Na actualidade, a sociedade capitalista, o produtor, a força do trabalho, estão separados pelos outros elementos. Um grupo de homens é proprietário das fontes de matéria prima: são os donos das terras. Outro grupo está na posse dos meios de produção: máquinas, oficinas, fábricas, meios de transporte e outros utensílios: são os industriais, os capitalistas, etc. E, por fim, um outro grupo, o mais numeroso, tem apenas a propriedade dos seus braços: são os trabalhadores.

LUTA DE CLASSES

O mau sestro do governador da Companhia de Moçambique na solução de um conflito

Beira, 6 de Outubro. — A reunião dos empregados, marcou pela cordura com que todos se houveram e pela demonstração sincera e inflexível da união e convicção em que todo o pessoal se encontra de que as suas reclamações justas e fundamentadas, merecem ser atendidas e consideradas, estando todos dispostos a continuar na mesma luta insana e leal, até final liquidação deste pleito.

Na verdade, sensível ver que a dezasseis dias de greve, prazo mais que suficiente para cansar ânimos fortes, tantos homens de temperamentos diferentes, de cultura diferente, de diferentes maneiras de ser, se mostrassem sem o menor indicio de desânimo, sem o menor cansaço moral, dispostos a não arredar pé, sem que as suas pretensões sejam satisfeitas por quem de direito.

E para esta demonstração, duma beleza surpreendente, não contribuiu a menor influência estranha, a menor coacção. Das boas intenções de todos os empregados não é lícito duvidar, pois que tendo podido recorrer a violências, sempre desastrosas para todos, o não fizeram nem estão dispostos a fazer.

Do governo do território deveria haver também a boa vontade precisa para aceitar bases de negociações para rápida e urgente finalização deste movimento para que fomos impelidos pela força das circunstâncias.

O governador do território, ao ter conhecimento do que se passou na reunião de hoje, deve ter-se sentido orgulhoso por se encontrar na frente de homens de tal temperamento. E esse mesmo homem que dirige superiormente os destinos deste território, se estivesse no nosso lugar, também, decerto, não abandonaria o seu posto para se entregar nas condições que nos foram aconselhadas e que consideramos humilhantes.

E não se pode negar que a situação de hoje está mais complicada que de princípio, porque há os lados morais da situação a considerar — as deportações por nossa causa, as entidades estranhas à colectividade que se viram envolvidas neste movimento, interesses de terceiros prejudicados, etc., etc. Não se trata já só de interesses materiais propriamente ditos.

E, portanto, para lamentar que o sr. Correia da Silva se tivesse apressado a fazer publicar no boletim o seu despacho em que considera já despedidos 130 empregados, atrás dos quais muitos se hão de seguir, pretendendo deslazar, com uma só penada, todos os direitos adquiridos por muitos empregados com muitos anos de serviço, sem respeito por sagrados direitos, e que o fizesse sem nunca ter querido receber representantes do funcionalismo nem tentar satisfazer as suas reclamações na medida do possível.

Se o sr. Correia da Silva tem a ilusão de que está já completamente resolvida a questão, a nós, que não nos parece que ela apenas está um pouco mais complicada para ele.

Sem receio de controvérsia, a situação geral sobre a marcha dos acontecimentos é a mais satisfatória possível.

O sr. Correia da Silva começou a colher os frutos verdes do temporal que o seu desvairamento agitou: negando o Bem, deturpando as virtudes e enxergando só o Mal, colocou-se numa situação ridícula para o território e irritou para os que o apoiaram dando força ao seu despótico mando.

Em Lourenço Marques, de onde irradiou toda essa força, já se sabe a verdade dos factos; já se sabe que o Bem é a nossa razão; já se conhece que a nossa virtude pacífica

Esta separação dos factores da produção determina as grandes lutas no seio da sociedade. Cada grupo proprietário de elementos da produção, empurrado pelo interesse material, que é, geralmente, o impulsor de toda a acção, trata e procura que prevaleça o seu factor, no campo da produção e no campo social.

As classes, que nascem e têm a razão da sua existência na separação dos elementos da produção, usam de todos os processos de arranjar o maior proveito possível dos elementos que têm em seu poder, assim desafiando todas as lutas.

O sindicalismo quer suprimir toda a dissociação; quer reunir num só empreendimento económico todos os elementos da produção; quer eliminar no campo da produção a personalidade capitalista, porque não é um elemento necessário mas absorve imensas riquezas, usurpa o trabalho dos produtores e arremessa trabalhadores à desocupação forçada pelas crises industriais, pelo aperfeiçoamento dos maquinismos e outras dificuldades próprias do actual sistema de produção.

O sindicalismo exige que os sindicatos operários tenham em seu poder todos os elementos materiais da produção, eliminando a dissociação dos homens por classes e as lutas em que se envolvem, e gestionando directamente a produção.

A classe possuidora, a burguesia, apossou-se dos elementos materiais da produção, e a sua capacidade e a sua força impuseram o domínio que ainda exerce.

A classe operária, consciente, capaz e forte, romperá as relações sociais existentes entre as classes, fundando novas condições de vida, instaurando o equilíbrio na produção, na distribuição e nas relações sociais.

Os sindicatos operários assumirão a função económica em toda a sua amplitude: produção, distribuição e permuta.

Querendo conseguir essa capacidade, a classe operária tem de formar a sua consciência de classe e adquirir a força indispensável para expropriar a burguesia.

O complemento de toda a obra de preparação revolucionária é a tomada das terras, das fábricas e das oficinas, dos transportes, de todos os recursos do trabalho que a classe burguesa acambara, sob o amparo e a protecção de toda a força do Estado.

está muito acima desses odiosos golpes que nos feriram; já vimos que o Mal não campeará nas nossas almas e que só medrou num cérebro desvairado. Ainda bem! E a justiça que se aproxima e com ela os louros com que poderemos ornar as vítimas da truculenta acção do sr. Correia da Silva!

Diz o *Guardian* de 28 de Setembro no seu artigo de fundo:

«Todavia não é provável que haja completa paz e sossego enquanto os funcionários de Manica e Sofala se negar o direito de se organizarem para a manutenção dos seus interesses e até mesmo para a melhoria da sua situação... e como sempre se virá a apurar que o litígio será ultimado precisamente nas condições que podiam vir à supuração antes de toda a complicação ter degenerado estupidamente numa greve».

Os argumentos tendenciosos espalhados pelo sr. Correia da Silva nas suas afirmações descabidas só poderão ter aceitação no nosso conceito, como produto da sua impotência mental, amparada pela sua superabundância de vaidade, conhecida em todo o Portugal.

Porque v. ex.ª tão comodamente e tão tarde chegou ao Terreiro da República, disfrutando as mais elevadas situações, que ignora ainda, a dez meses do seu governo, que o funcionalismo da C. M. e a população do território é composta por pessoas que merecem o maior respeito e consideração.

Como é possível que a população não esteja incompletibilizada com o governador que praticou actos que a feriram na sua dignidade?

Como pretende que o funcionalismo se não escuse a cumprir as suas ordens se foi empurrado despoicamente para uma complicação que «degenerou» estupidamente numa greve? O sr. Correia da Silva não sentiu ainda, em torno de si, a indiferença que lava na Beira, como porta-voz do território, quando passa por essas ruas?

Quem pode crer na firmeza recta da sua personalidade, se, por de parte o seu brio, para revogar a circular 54, que traduzia o seu desprêzo, desrespeitando um pacto sagrado faltando ao pagamento que era devido?

Como aceitar a sua acção que se diz patriótica se em papel timbrado do governo do território encimado pela esfera armilar, firmou com a sua assinatura, um documento, em que agradece a cada uma, de per si, das firmas inglesas o auxílio e apoio que lhe prestaram não secundando a ordem da Associação Comercial Portuguesa, e ainda para complemento lhes assegura a sua amizade e promete a sua protecção?

Como deseja que o encare a sério, se em vez de procurar solucionar esta estúpida complicação galhardamente apresenta como único raciocínio ao que o procuram a v. a. d. e a g. e. s. v. a. do mando e determina e manda publicar circulares dizendo que só se paga até 19 de Setembro e que os (cobardes) que se apresentem nas repartições sejam mandados à Secretaria Geral?

Para quê, tanto delírio irritante, se alguns ingleses riram e galhofaram com a sua carta de prematura protecção, se os funcionários, não estão dispostos a saírem do terreno em que os lançou, se a população desde há dias se dispôs a lhe prestar a menor consideração?

Para quê, tanto delírio bífido e mau para uns e cheio de «charge» para outros?

Para que manter uma censura telefónica que leva a sua irresponsabilidade ao ponto de truncar um telegrama da «Reuter» publicando-o depois no «Beira News», se das

O DECRETO DE REPRESSÃO DOS ATROPELAMENTOS

Realizou-se, no Porto, uma importante sessão de protesto dos 'chauffeurs' do Norte do país

PORTO, 16. — No amplo salão do Centro Comercial do Porto, realizou-se no passado sábado, uma importante sessão magna de componentes do automobilismo para protestar contra o anunciado decreto de repressão aos atropelamentos que o governo tenta pôr em vigor.

Esta sessão que foi levada a efeito pela Associação dos Chauffeurs e Condutores de Automóveis do Norte de Portugal marcou não só pela extraordinária concorrência, mas também pelas afirmações feitas de franca rebeldia contra as pretensões governativas.

A hora marcada, Mário Neto de Carvalho, como presidente da assembleia geral, expôs os fins da reunião, depois do que é formada a mesa que fica assim constituída: presidente, Arnaldo Salgueiro; secretários, Marques Pinto e Manuel Claro.

O presidente depois de feitas várias considerações, dá a palavra a Jaime Vidal, como delegado nomeado pela classe para em Lisboa tratar junto da Associação do Sul e do governo do magno assunto que actualmente preocupa todos os automobilistas.

Este descreve largamente o que se passou em Lisboa, demonstrando com bastante clareza quais os intuitos do governo na presente conjuntura e indicando à assembleia qual o caminho a seguir em face das pretensões governativas. Com firmeza e decisão toma o compromisso de abandonar a sua profissão, se for de vencida o decreto que o actual governo pretende esmagar a classe dos chauffeurs que, diz, tem um problema a resolver: ou reagir energicamente ou sujeitar-se a um regime que será a sua própria ruína.

E' dada, a seguir, a palavra a Augusto Duarte, dos chauffeurs do Sul, que representa a sua associação junto dos chauffeurs do Norte.

Este, que a assistência recebe com uma estrondosa salva de palmas, depois de saudar em nome do organismo que representa, os chauffeurs do Norte, principia por descrever o que foi passado com ele, o delegado do Norte e governo. Seguidamente explica que o governo está no propósito não só de punir energeticamente os chauffeurs com quem se dempossíveis de saírem, como também pretende impor uma indemnização às vítimas e suas famílias, ainda mesmo que a responsabilidade dos atropelamentos seja devida à imprudência dos próprios atropelados. Para isto pretende o governo apressar-se dos carros, quando os seus condutores não possuem outros meios. Vendê-los há porventura em hasta pública, para o produto da venda ocorrer aos sinistrados e suas famílias, mas ficando por certo o excedente para os cofres do Estado.

Em face disto, entende que nenhum automobilista que se preze deverá aceitar tal medida, tanto mais que a maior parte dos atropelamentos são devidos ao desleixo das autoridades que não organizam um serviço de vigilância mais completo, onde os poderes constituídos têm um pouco mais de consideração pela vida dos cidadãos, facto este que se não nota em Portugal. Depois destas declarações, lê uma representação enviada ao governo, e em seguida termina o seu discurso.

Manuel Claro, que fala com bastante energia diz não poder sujeitar-se às disposições dum decreto iníquo e anti-humano. A imensa legião dos automobilistas portugueses através mais críticas e mais perigosas. A sua face não é de medo, mas de indignação por diante do decreto, amanhã os chauffeurs e todos quantos conduzem automóveis terão de abandonar o volante e dedicar-se a outra profissão. Por sua parte garante não estar disposto a permitir que se tenha os chauffeurs portugueses na conta de assassinos. Se a classe dos chauffeurs não souber reagir, como é do seu dever, e porque se sujeita a penalidades só aplicáveis a autênticos criminosos. Como se tem na conta de homem de bem, não pode permitir que quem quer que seja o acoime de bandido como também não consentirá que os seus sentimentos de humanidade sejam violados. Nenhum chauffeur atropela por prazer. Os atropelamentos são obra da fatalidade. E a fatalidade ninguém a deseja. Ela surge quando menos se espera. Portanto, não se sendo responsável por delitos que se não comete, não poderá aceitar penalidades que não merece.

Por sua parte garante que não se sujeitará a um regime de opressão. Se o decreto for posto em vigor um caminho lhe está indicado: abandonar a profissão de chauffeur dedicando-se a outro qualquer modo.

matulações feitas por um menor se vem provar pelo «Guardian» na nossa frente que a «estupidéz» não está do lado dos grevistas? — C.

Os efeitos da greve dos mineiros ingleses

LONDRES, 17. — As primeiras respostas às consultas dirigidas aos vários centros mineiros dão esperanças de que uma maioria bastante apreciável opine pelo regresso ao trabalho.

O presidente da Associação das Câmaras de Comércio da Grã-Bretanha, discursando em Southampton, disse que as consequências da greve dos mineiros traduzem-se há no aumento dos impostos sobre o rendimento. — (L.).

BERLIM, 17. — Em virtude da greve na Inglaterra, o trânsito de carvão nas linhas férreas alemãs reduziu até agora 100.000 marcos. — (L.).

Instituto de Medicina Legal

No Instituto de Medicina Legal, realizaram-se ontem as autópsias nos cadáveres de António Pereira, aquele chauffeur que faleceu vítima de um choque de «side-car» que seguia com uma carroça, na avenida Oscar Monteiro Torres, no dia 13 último, e de Manuel Moreira, aquele vendedor de carvão que, no dia 14 último, foi vítima do choque de um automóvel com a carroça que guiava. Os seus funerais efectuam-se hoje, saindo, pelas 15 horas, daquele Instituto para o cemitério Oriental.

de vida, onde não esteja sujeito a uma disposição governativa que é atentatória da própria liberdade de trabalho.

A seguir pede a palavra Albano Pinheiro, cujo discurso, repassado de pormenores interessantes, é ouvido com bastante agrado. Afirma que há da parte do governo uma disparidade de carácter, e uma dualidade de critério. Diz não acreditar que um chauffeur, desde que seja cioso do seu nome, admita que lhe passem à queima-roupa um diploma de assassinos. O contexto do decreto é uma afronta e uma injúria.

Ninguém, por mais cauteloso que seja, poderá evitar o inevitável. O governo quer forçar os condutores a concorrerem materialmente para as vítimas e suas famílias. De maneira que amanhã, se um indivíduo quiser suicidar-se, deve procurar pôr termo à existência metendo-se debaixo dum carro, na certeza de que desta forma assegurará o sustento dos seus.

Desta forma não sendo possível a viação acelerada, os chauffeurs portugueses terão que ser reportados aos tempos da idade média. Deixarão de existir os automóveis, para darem lugar às liteiras e os condutores de hoje serão os que amanhã terão de transportar aos ombros, como no passado, os indivíduos que pretendem viajar. Por sua parte garante não estar disposto a tal recuo do progresso. Lá talvez engrossar o número dos que governam a vida de «qualquer maneira» mas o que não tolerará é o estar sujeito às pretensões de quem quer fazer da briosa classe dos chauffeurs uma legião de malfetores.

Em seguida têm a palavra Francisco Carvalho, Francisco Pinheiro e novamente Jaime Vidal, que alude a vários e interessantes factos sucedidos com algumas individualidades políticas, a quem algumas vezes os chauffeurs prestam valioso auxílio, e o proprietário Manuel Rosinhos, que ataca o decreto.

Nesta altura, como a hora vai adiantada, Manuel Claro lê a seguinte moção:

1.º Protestar desde já, contra a anunciada publicação do decreto e que seja nomeada uma comissão que se aviste com o governador civil do distrito, fazendo-lhe sentir o profundo desgosto e grande descontentamento de que se acham possuídos todos os condutores de automóveis;

2.º Repudiar com veemência, as insinuações torpes e caluniosas de certa imprensa venal e mercantilista, fazendo-lhe sentir que os chauffeurs portugueses não consentem que a sua dignidade profissional e os seus sentimentos de homens sejam tão injustamente atingidos;

3.º Protestar contra as condições prisionárias e situação em que se encontram os nossos camaradas ultimamente detidos, condição e situação essas só próprias de delinquentes intencionais.

4.º Formar desde já a união entre todos os automobilistas, para assim melhor combatermos o mal que nos afecta;

5.º Impedir por todas as formas que se julguem convenientes que o anunciado decreto seja posto em vigor;

6.º Que desde já se notifique também ao governo que os automobilistas do norte adotarão a mesma atitude tomada pelos seus camaradas do sul.

7.º Nomear desde já uma comissão composta de cinco assalariados e patrões a qual em conjunto com as direcções, tratará de dar cumprimento às disposições da presente moção;

8.º Que esta comissão desde já fique em sessão permanente e que em momento oportuno, e se assim for necessário, convoque todos os interessados para que estes actuem em definitivo, consoante as circunstâncias o exigem;

9.º Que esta moção seja publicada em manifesto para inteiro conhecimento do público em geral.

Este documento é aprovado por aclamação. A seguir o presidente encerra a sessão às 24 horas, em meio de calorosas vivas à organização operária, à Batalha, etc., etc.

A esta extraordinária sessão acorreram delegados de vários pontos do país, nomeadamente do norte, sendo muito elogiada a atitude dos chauffeurs de Braga que todos louvaram e aplaudiram.

ASSINEM Os mistérios do Povo

CONFERÊNCIAS

A Tchecoslováquia

O cônsul da Tchecoslováquia em Portugal tenciona realizar amanhã este mês uma conferência sobre o seu país acompanhada de projecções, para dar uma ideia geral sobre as belezas naturais, o desenvolvimento industrial e principalmente a importância da cultura física na Tchecoslováquia, demonstrada pelos exercícios das associações de ginástica denominadas «Sokol».

Sindicato dos Profissionais da Imprensa

Realiza-se hoje, pelas 17 horas, a primeira conferência promovida pela Direcção deste sindicato. E' conferente o publicista sr. Paulo Freire. A entrada é pública.

«A cultura do espírito e a saúde»

O sr. dr. Câmara Reis realiza hoje, pelas 21 horas, na Universidade Popular Portuguesa, rua Particular à rua Almeida e Sousa, uma conferência sob o tema: «A cultura do espírito e a saúde», seguida de sessão cinematográfica educativa. A entrada é pública.

Sindicato dos Compositores Tipográficos

Reinam hoje, pelas 18 horas, os delegados que tomaram parte no Congresso Extraordinário dos Sindicatos Operários de Lisboa, para tratar de assuntos que se prendem com o mesmo.

EM LEIRIA

A inocência de dois operários demonstrada em tribunal

LEIRIA, 16. — Mais uma vez vimos debater esta questão nas colunas de *A Batalha*, para que seja esclarecida a verdade e, bem assim, levar ao conhecimento de todos as diferentes fases por que tem passado, questão esta que traz apaixonada a apinhão pública desta cidade.

Todos os leitores sabem que o motivo que originou a prisão e entrega às autoridades militares, dos operários José Agostinho Neves e Domingos da Conceição Felizardo, foi a edição de constantes manifestos contra todas as iniquidades sociais, mórmente o último que era dirigido à polícia e no qual se relatavam verdadeiras canibalizações, praticadas a dentro do commissariado e com a sanção do próprio commissário, criatura pífida, de sentimentos obliterados e possuidor de uma moral e um passado bastante duvidosos.

Toda a gente sabia da veracidade dos factos narrados no referido manifesto, mesmo o commissário, pois que, descaradamente, encobria os seus autores; portanto, estes dois operários teriam de ser postos em liberdade, o que lhe não convinha, pois que continuavam a ser um estorvo para si e seus subordinados; necessário era arranjar qualquer maneira, embora a mais vil, para os aliar para uma massmorra.

Planeia-se uma busca a casa dos citados operários, pois só ali essa prova deveria ser encontrada; no momento em que o commissário, acompanhado de dois polícias, a passava, foi encontrada uma pistola «Savage», pistola que nunca lá existiu, pois que foi posta pela polícia na mesma altura, processo aliás, muito usado em nossos dias.

Levantados os respectivos autos, aos quais foram juntos todos os manifestos editados pelo Grupo Anarquista «A Flama», desde a sua fundação, entre os quais figurava um contra a ditadura, foram os dois entregues às autoridades militares da terra, a fim de serem remetidos para Vizeu onde deveriam responder em tribunal militar, pelo crime de detentores de armas de fogo proibidas e autores de manifestos subversivos.

Mas, o governador civil, tendo conhecimento dos manifestos, que punham em cheque a corporação da polícia, imediatamente ordenou uma sindicância geral aos actos da mesma, para o que foram nomeados dois oficiais do exército; entre outras testemunhas de acusação, figuravam na sindicância sete polícias, que corroboraram as afirmações do manifesto, pelo que foi dada ordem de prisão ao polícia 53, Matias Lopes da Silva, como autor de todas as barbaridades ali cometidas, sendo acto continuo remetido para Vizeu, para também responder em tribunal militar.

Há dias, teve a população desta cidade conhecimento de dois factos importantíssimos, que são o 2.º acto desta comédia.

São estes: a expulsão do polícia 53, Anibal Pereira, por confessar publicamente ser ele que, no acto da busca, lá pôz a pistola por mandato do commissário, o qual lhe fez a promessa de o passar à secção de investigação e o nomear cabo, e a notícia do julgamento do 53; o tribunal, dando como provadas as acusações, «premiou» este mantenedor da ordem com 2 anos de prisão correcional.

Vai-se, pois, esclarecendo este caso, que durante algum tempo se conservou algo escuro.

Mas... agora preguntamos nós: estando provado que o polícia 53 era o autor das infâmias, como prova o tribunal, condenando-o, e provado esteja também que a pistola não lhes pertencia, pois que o próprio polícia que lá a pôz já confessou, de que acusação agora estes dois operários, no dia do seu julgamento?

Francamente, não sabemos por onde lhes hão de pegar...

E' natural que, mesmo depois das acusações que lhes são feitas estarem por terra, sejam ainda condenados, só, única e simplesmente por andarem à solta.

Esperemos, pois, pelo seu julgamento, para nos pronunciarmos, pois que, segundo informações colhidas, deverá realizar-se ainda este mês. — C.

Um desastre grave no campo de Alverca

No parque do Grupo de Aviação da Esquadilha de Alverca preparava-se, ontem de manhã, para subir num aparelho *Avre* com motor tipo «Airdisc», com força de 130 cavalos, o tenente Santos Moreira. Terminados os preparativos, o 1.º cabo mecânico da mesma esquadilha, João Maria Ferreira Guedes, de 21 anos, natural de Setúbal e residente naquela localidade, deu a hélice a máxima velocidade, sendo, nesse momento, colhido por uma das pás que o arremessou ao ar indo cair a distância, ficando com a perna direita fracturada com complicação de ferida, além de várias contusões pelo corpo. Acompanhado pelo comandante da Esquadilha e pelo 1.º sargento Cunha, foi transportado no comboio até Entrecampos, de onde um auto da Cruz Vermelha o conduziu ao hospital de São José, em cujo banco foi operado pelos drs. Augusto Lamas, Celestino Henriques e Moraes Sarmento, recolhendo, em seguida, à sala de observações.

De um cavalete abaixo

No banco do hospital de São José recebeu tratamento, e foi para casa, António Marques, de 28 anos, natural e residente em Belas, e que ali caiu de um cavalete, fracturando a clavícula direita.

Secção telegráfica

FEDERAÇÕES

METALURGICA

Sindicato de Evora. — Recebemos officio; esperamos o vale nele enunciado; segue expediente pedido.

MOBILIARIA

Porto. — Recebemos officio; vamos responder.

Vida Sindical

C. S. T.

Conselho geral

Reúne-se amanhã, pelas 20,30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: Apreciação dum officio do comité pró-presos, pendente do anterior conselho geral; nomeação de delegados ao C. C. da C. G. T.; e resoluções do Congresso.

Comunicações

Federação Metalúrgica. — Reüniram-se o conselho federal com a presença dos seguintes organismos: Lisboa, Porto, Coimbra, Aljustrel, Portimão, Abrantes, Faro, Evora, Rio Meão, Marinha Grande e Covilhã. Expediente: officio do Sindicato do Porto, acerca do horário de trabalho, sendo resolvido officiar em harmonia com o critério da Federação; officio de Faustino Bretes, de Torres Novas, sobre a formação de um sindicato naquela localidade; officio de Vieira de Leiria informando que melhorou a situação do Sindicato; officio do comité do Norte informando que o Sindicato de Crestume deixou de existir; officio da U. S. O. de Evora sobre factos ocorridos no Sindicato daquela cidade, sendo resolvido aguardar-se relatório circunstanciado; officio da U. S. O. de Faro, declarando impossível a reorganização do Sindicato naquela cidade.

Ferreira da Silva foi nomeado para a comissão pró-Metalúrgica. António Vicente fez entrega do questionário do Instituto de Orientação Profissional, sobre o qual a comissão concluiu trabalhos.

O delegado à C. G. T. relatou a primeira reunião do novo conselho confederal, sendo unanimemente aprovada uma moção que sanciona a atitude dos delegados da Federação que está em harmonia com a resolução das Federações, lamentando que alguns organismos da província tenham sido ludibriados ao nomearem os seus delegados à C. O. T.

S. U. Mobiliário. — A comissão de melhoramentos solicita dos sindicatos que detêm livros da biblioteca a entrega imediata no Sindicato.

S. U. C. Civil. — Seção de Belém. — Em assembleia geral reuniram-se os operários sindicados nesta secção. Em primeiro lugar foi tratado um assunto que diz respeito ao encerramento das obras do bairro económico da Ajuda, não só em prejuizo dos desocupados, assim como da população que luta com falta de casas para habitação.

Como o delegado ao conselho de secções declarou não ter conhecimento de este organismo haver ou não tratado deste caso, foi resolvido que o mesmo delegado, na próxima reunião, chamasse a atenção dos restantes delegados, para o exposto. O secretário da comissão administrativa leu à assembleia o resumo da receita e despesa referente aos últimos meses, e verificando-se existir em caixa um saldo regular, propôs determinada quantia em auxílio de *A Batalha* e presos por questões sociais.

Este assunto levantou discussão entre vários sindicados, os quais foram unânimes em reconhecer a imperiosa necessidade de ser prestada a solidariedade material, fazendo a propósito várias considerações sobre uma verba já dispendida e ainda a uma festa realizada de acordo com a secção, que teve um saldo líquido de quantia superior a mil escudos, divergindo as opiniões no quantum a estabelecer, sendo no final aprovada uma proposta no sentido de se contribuir com a quantia de 100\$00 para *A Batalha* e 200\$00 em auxílio dos presos por questões sociais.

Como o número de socios presentes nesta assembleia fosse regular, foi aprovada uma proposta de nomeação da comissão administrativa para o futuro ano, recaindo a nomeação em Jorge Mateus, Acácio Tomás, Narciso Bernardes da Silva, Manuel Pereira Marta e João Duarte Quintino. Para a comissão revisora de contas foram eleitos António José Franco, Narciso Bernardes da Silva e Alberto Dias.

Apreciada a forma como decorreram os trabalhos do congresso local dos Sindicatos Operários, foi resolvido officiar ao Sindicato no sentido de a esta secção se presente a cópia do relatório dos delegados que foram nomeados, a fim-de que, com conhecimento de causa, os operários da área de Belém se pronunciem.

Nesta assembleia foram também indicados os futuros delegados ao conselho técnico, tendo a nomeação definitiva ficado para a reunião a efectuar-se no próximo dia 23, assim como um assum que se relaciona com uma deliberação da comissão administrativa, caso este que motivou uns reparos feitos por um jornal libertário do Norte.

S. U. Metalúrgico. — Pelas 21 horas, comissão administrativa.

Seção do Alto da Pina. — Pelas 20 e meia horas, a comissão reorganizadora.

Convocações

REUNEM HOJE:

S. U. Mobiliário. — Pelas 20 e meia horas, a comissão de melhoramentos.

Corticeiros de Almada. — Ao largo do trabalho, assembleia geral, para apreciação de uma circular da Federação acerca da crise e desenvolvimento da indústria.

Fabricantes de Cal. — Pelas 21 horas, assembleia geral, assuntos urgentes.

Profissionais da imprensa. — Amanhã, pelas 18 horas, assembleia geral, sendo importantes os assuntos a tratar, entre os quais figura o caso Alejo Carrera.

Sindicato Ferroviário. — Amanhã, pelas 21 horas, assembleia geral,